



Número 217
Junho 2021

ANOS DO LHO



Mártir de heroica inocência

Flashes
de Fátima



Conheça a Fé Católica

com os

Arautos do Evangelho

Com uma única assinatura você terá acesso a mais de 20 cursos dinâmicos, 100% online que podem ser acessados de qualquer plataforma, desde sua Smart Tv até o seu aparelho celular!

Cursos Online de

Catequese para Crianças



**Acesse já
e inscreva-se!**

www.reconquista.arautos.org

RECONQUISTA
FORMAÇÃO CATÓLICA

Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXIII n.º 217 - Junho 2021

Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. Júlio Dinis, 6 - 4.º Dto
1050-131 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal n.º 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 11.000 exemplares

SUMÁRIO

Escrevem os leitores	4		Santa Germana Cousin – "A Santa que precisávamos"	30
Inocência e heroísmo da virtude (Editorial)	5		O "Poema à Virgem": lavra de ouro do Apóstolo do Brasil	34
 A voz dos Papas – Divino sinal de salvação	6		Amparo, proteção e segurança	38
 Comentário ao Evangelho – "Basta ter fé!"	8		Arautos no mundo	42
 Escondido nas brumas da História... um rei mártir!	18		Aconteceu na Igreja e no mundo	44
 Consenso ou convicção?	22		História para crianças... – Entre estrelas e pedras...	46
 Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento	24		Os Santos de cada dia	48
 Meditações de um menino sobre o Coração de Jesus	26		Desafiadores dos ares	50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revistacatolica.pt



ESCREVEM OS LEITORES



A FÉ CATÓLICA É MILITANTE

Lendo o artigo de março passado *Garantia do triunfo da Santa Igreja*, vemos como os cristãos de hoje, depois de anos e anos de um trabalho consciente dos inimigos da Igreja, se esqueceram do que significa viver a Fé Católica como um combate, como um campo de batalha. As armas, das quais fala São Paulo, foram depostas em prol de um pacifismo fastidioso que corrompe tudo.

Lutar pela honra de Deus? Isto é de radicais talibãs, dizem agora. Tudo é paz, misericórdia e solidariedade. Onde ficaram os mártires, dispostos a morrer por Cristo? Onde, os Santos – muitos não canonizados – que lutaram até dar a vida pela evangelização, chamada agora proselitismo?

O inimigo conseguiu fazer os fiéis acreditarem que “não há inimigo” e assim vai! Lutemos pela honra e glória de Nosso Senhor e sua Santa Igreja.

Silvia María Manzanares Jugo
Via revistacatolica.org

PUBLICAÇÃO COMPLETA E ENTRETIDA DE SE LER

Queridos amigos da revista *Arautos do Evangelho*, se soubessem o apostolado que faz a sua Revista... Asseguro-lhes que não conseguem medi-lo em toda a sua extensão.

Somos muitos os que mensalmente, à distância – em meu caso, numa zona rural no sul do Chile –, nos sentimos sustentados quanto à formação, mas também quanto ao entusiasmo e – por que não? – entretenimento sadio. Sempre atual e variada, quer seja pelas palavras dos Papas, pelos Evangelhos comentados por Mons. João Scognamiglio Clá Dias,

pelos reflexões sobre temas espirituais, convívio cristão, simples observação do dia a dia ou de realidades de nosso mundo, como também de Teologia ou Filosofia.

Que mais se poderia pedir em uma única publicação? Digo mais, não como mero elogio, mas de todo coração: hoje em dia, apesar de haver tanta informação na internet e em publicações das mais variadas, não se encontra uma publicação tão completa. Completa e, ao mesmo tempo, entretida de se ler.

Peço à Santíssima Virgem que Ela lhes permita ver algum dia, como estímulo a seu trabalho diário, todo o apostolado que fazem. Muito obrigado por tudo. Continuem assim, nunca deixem de crescer e melhorar! Com toda a estima em Cristo.

Francisco Javier Donoso
Pichidegua – Chile

APENAS UMA INTERVENÇÃO DIVINA PODERÁ MUDAR ESSE ESTADO DE COISAS

Com relação ao preclaro artigo *Queda de edifícios simbólicos: prenúncio de novas eras?*, da Revista de abril deste ano, muito me tocou a citação de Daniel-Rops feita no texto, segundo a qual “as crises que abalam as sociedades humanas começam sempre por serem crises espirituais: os acontecimentos políticos e as convulsões sociais não fazem mais do que traduzir nos fatos um desequilíbrio cuja causa é mais profunda”.

Realmente é de claridade solar que tal está acontecendo com a nossa sociedade atual. Os acontecimentos atuais mostram bem uma sociedade mole e preocupada só com o bem-estar imediato. Acredito que apenas uma intervenção divina poderá mudar esse estado de coisas.

Juliano Bongiovanni Passos
São Paulo – Brasil

CLAREZA E VERDADE

Agradeço por seus escritos na Revista, tão úteis. Eles são muito edificantes. O artigo do *Comentário ao Evangelho* na edição de fevereiro passado, intitulado *Os insondáveis planos divinos e os defectivos critérios humanos*, foi muito útil para ajudar a resolver a confusão de nossos dias e trouxe esperanças.

Obrigada por sua clareza e por falar a verdade!

Anna Maria Di Ponio
Windsor – Canadá

LUZ QUE NOS ILLUMINA, DO COMEÇO AO FIM

A revista *Arautos do Evangelho*, quanto me ajuda em minha vida espiritual! Cada comentário é mais entusiasmante, como também as cartas. Concordo com todas. Vale a pena ler a Revista inteira, pois ela é uma luz que nos ilumina, do começo ao fim. Que a Virgem de Fátima os abençoe.

Maria Valdenisse Oliveira Carvalho
Simão Dias – Brasil

REVISTA RICA E CATEQUÉTICA

A revista *Arautos do Evangelho* faz parte da minha história de conversão.

Desde a fundação da Revista, dela tornara-me assinante, em meus vinte anos de idade. As imagens, sempre cuidadosamente selecionadas para nos levar a admirar o belo, remetem-nos à beleza que é a morada celeste. Tenho muito gosto em ler o *Comentário ao Evangelho*, sempre feito pelo reverendíssimo Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos *Arautos do Evangelho*.

Que esplêndidos artigos, tão bem escritos e selecionados para nós, os leitores desta tão rica e catequética Revista!

Maria Aparecida Tavares Spagliare
Mauá – Brasil

INOCÊNCIA E HEROÍSMO DA VIRTUDE

Quando observamos uma criança entretida candidamente com um brinquedo ou admirada ao contemplar as estrelas, logo sentimos tocar, no fundo de nossa alma, alguns acordes de nossa inocência primaveril, que dissonam do mundo cacofônico, prosaico e interesseiro no qual vivemos. Conforme afirma São Tomás de Aquino, a reta atividade lúdica, tão comum na primeira idade, é, tal como a Metafísica, essencialmente despreziosa, contemplativa e isenta de interesses concretos. A criança tem, por assim dizer, uma conaturalidade com o Céu.

Os pecados contra a castidade – a “virtude angélica” – são os que mais contrastam com essa inocência primeva. De fato, eles obliteram o foco da contemplação, embotam a inteligência e corroem o verdadeiro amor. Entretanto, como a luxúria incide em larga medida sobre os sentidos, ela possui uma veemente força de penetração. Não por menos a Revolução se utiliza dela para, de modo meticuloso, corromper a juventude. E que massacre de inocências temos testemunhado!

A impureza não é, porém, um pecado recente. A História narra, por exemplo, como povos antigos pervertiam a infância das formas mais abomináveis, praticando pecados que, conforme a Bíblia, clamam ao Céu por vingança. Ora, com a Encarnação, Nosso Senhor Jesus Cristo trouxe um novo paradigma de inocência, cujo ponto supremo era Ele mesmo, Deus feito Menino num claustro virginal.

O Redentor não só protegeu os pequeninos, mas os atraiu particularmente para junto de Si, alçando-os a modelo de perfeição: “Deixai vir a Mim as crianças. Não as proibais, porque o Reino de Deus é dos que são como elas. Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele” (Mc 10, 14-15). E foi além, ao anatematizar aqueles que as escandalizam: “Seria melhor que lhe amarrassem ao pescoço uma pedra de moinho e o lançassem no fundo do mar” (Mt 18, 6).

Seguindo os passos do Divino Mestre, a Igreja também tem a missão de amparar os mais vulneráveis, tutelar a vida desde a concepção, acolher os órfãos, instruir os rudes, catequizar e batizar os povos pagãos e, claro, resguardar os inocentes do escândalo. Para isso, não basta a virtude da temperança, tão própria a moderar a concupiscência, mas faz-se igualmente necessária a virtude da fortaleza, cujo ato principal é resistir, ou seja, permanecer firme diante do perigo.

Ao contrário do que certas visões superficiais indicam, a inocência está intrinsecamente ligada à combatividade, e disso são exemplo o adolescente Tarcísio, santo mártir da Eucaristia, os três pastorinhos de Fátima, que resistiram com bravura às maquinações do poder civil, e do heroico exemplo de Luís XVII, narrado nestas páginas. Com toda a propriedade exclamou Paul Claudel: “A juventude não foi feita para o prazer, mas sim para o heroísmo”!

Uma suposta inocência desprovida das armas da fortaleza é sentimento pueril, incapaz de discernimento (cf. I Cor 14, 20); o combate sem inocência é temeridade, pois estará desprovido das forças próprias a um coração puro.

Nesse panorama, pode-se afirmar que a Igreja tem, mais do que nunca, a obrigação de ser escudo que protege os inocentes e espada contra a malícia que tanto os ameaça. ✧



*Luís XVII,
por Alexander
Kucharsky -
Palácio de
Versailles (França)*

Foto: Reprodução



Divino sinal de salvação

A abundância dos males que assolam o mundo exige que busquemos socorro junto ao Único que pode afastá-los. No Sagrado Coração devemos depositar todas as nossas esperanças, a Ele devemos rogar a salvação.

Há cerca de vinte e cinco anos – nas vésperas da comemoração do segundo centenário do dia em que a Bem-Aventurada Margarida Maria Alacoque recebeu de Deus a ordem de propagar a devoção ao Sagrado Coração – muitas cartas foram enviadas a Pio IX, não só por particulares, mas também por Bispos, instando-o a consagrar todo o gênero humano ao Sacratíssimo Coração de Jesus.

Julgou ele de bom alvitre diferir a decisão, a fim de estudar mais detidamente o assunto. [...] Agora, tendo surgido novos fatores, consideramos que chegou a hora de pôr em execução tal projeto.

Supremo Senhor de todas as coisas

Esse geral e solene testemunho de respeito e piedade convém certamente a Jesus Cristo, pois Ele é o Príncipe e Supremo Senhor. [...]

Aquele que é o Filho Unigênito de Deus Pai, que é consubstancial a Ele, “esplendor de sua glória e imagem de sua substância” (Hb 1, 3), possui necessariamente tudo em comum com o Pai; portanto, tem o sumo império sobre todas as coisas. Por esta razão disse de Si mesmo o Filho de Deus, por meio do profeta: “Fui constituí-

do Rei sobre Sião, seu monte santo. Disse-Me o Senhor: ‘Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei. Pede-Me e Te darei por herança todas as nações até os confins da terra’” (Sl 2, 6-8).

Por estas palavras Jesus Cristo declara que recebeu de Deus poder sobre toda a Igreja, aqui representada pelo Monte Sião, e sobre o resto do mundo, “até os confins da terra”. As palavras “Tu és meu Filho” indicam claramente o fundamento do soberano poder. Com efeito, pelo fato de ser Filho do Rei do universo, Jesus é o herdeiro de todo o seu poder: “dar-te-ei por herança todas as nações”. Palavras semelhantes diz o Apóstolo: “Ao qual constituiu herdeiro de todas as coisas” (Hb 1, 2).

Entretanto, deve-se tomar em consideração sobretudo o que Jesus afirmou sobre seu império, não mais pelos Apóstolos ou pelos profetas, mas por seus próprios lábios. Quando o governador romano Lhe perguntou “Portanto, és Rei?”, respondeu sem qualquer vacilação: “Tu o dizes, Eu sou Rei” (Jo 18, 37). A grandeza desse poder e a infinitude desse reinado são claramente confirmadas pelas palavras de Nosso Senhor aos Apóstolos: “Todo poder Me foi dado no Céu e na terra” (Mt 28, 18). [...]

Isto, porém, não é tudo. Cristo impera não só por direito natural, enquanto Filho de Deus, mas também por direito adquirido. “Ele nos arrancou do poder das trevas” (Col 1, 13) e “entregou-Se como resgate por todos” (I Tim 2, 6). Por isso não só os católicos e outros cristãos devidamente batizados, mas todos e cada um dos homens, tornaram-se para Ele “um povo adquirido” (I Pd 2, 9).

Assim, comenta com toda razão Santo Agostinho: “Perguntais o que Cristo comprou? Vede o que Ele deu e sabereis o que comprou. O preço de compra é o Sangue de Cristo. Que objeto pode ter tal valor? Qual, a não ser todas as nações? Foi pelo universo inteiro que Cristo pagou esse preço”.¹ [...]

“Meu filho, dá-Me o teu coração”

Contudo, a esse duplo fundamento de seu poder e seu domínio, Jesus nos permite em sua benevolência acrescentar nossa consagração voluntária.

Deus e Redentor nosso, Ele possui plena e perfeitamente tudo quanto existe. Nós, ao contrário, somos tão pobres e desprovidos que nada temos para oferecer-Lhe de presente. Entretanto, em sua bondade e caridade soberanas, Ele aceita de bom grado que



Sagrado Coração de Jesus - Basílica de Nossa Senhora de Luján (Argentina)

Lhe ofereçamos e consagremos, como se fosse nosso, aquilo que de fato Lhe pertence. Não só aceita tal oferta, mas a deseja e a pede: “Meu filho, dá-Me o teu coração”.

Podemos, pois, ser-Lhe inteiramente agradáveis pela nossa boa vontade e pelo afeto de nossa alma. Consagrando-nos a Ele, reconhecemos e aceitamos aberta e alegremente seu poder e, ademais, testemunhamos que, se fosse nosso o que Lhe damos, nós Lho daríamos de todo o coração. [...]

Motivo de esperança para as nações

Uma tal consagração acarreta inclusive para os Estados a esperança de uma melhor situação; pois este ato de piedade pode estabelecer ou reforçar os vínculos que unem naturalmente as coisas públicas a Deus.

Ele não só aceita que Lhe consagremos o que, de fato, já Lhe pertence, mas o deseja e pede: “Meu filho, dá-Me o teu coração”

Nos últimos tempos [...] a autoridade da jurisdição sagrada e divina tem sido absolutamente desconsiderada, com o objetivo de que a Religião não possua função alguma na vida pública. Esta atitude chega ao ponto de querer extinguir no povo a Fé cristã e, se pos-

sível fosse, expulsar da terra o próprio Deus.

Estando as mentes humanas dominadas por tão insolente orgulho, é de se admirar que a maior parte dos homens seja presa de profundas conturbações e sacudida por ondas que não deixam ninguém livre de temores e perigos?

Quando se põe de lado a Religião, acontece fatalmente que os mais sólidos fundamentos do bem-estar público se desmoronam. Para dar a seus inimigos o merecido castigo, Deus os entrega às suas más tendências; eles então se afundam nas paixões e se exaurem numa excessiva libertinagem.

Em nenhum outro nome acha-se a salvação

Daí procede a abundância dos males que desde longo tempo assolam o mundo e nos obrigam a pedir socorro ao Único que pode afastá-los. Ora, quem é esse senão Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus? “Debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4, 12). Cumpre, pois, recorrer a Ele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. [...]

Quando a Igreja, ainda em seus tempos primevos, estava oprimida sob o jugo dos césares, um jovem imperador avistou no céu uma Cruz que lhe anunciava e preparava uma esplêndida e próxima vitória. Hoje se apresenta a nossos olhos outro sinal excelso e divino: o Sagrado Coração de Jesus, arrematado pela Cruz e resplandecente de magnífico fulgor em meio às chamas.

N’Ele devemos depositar todas as nossas esperanças, a Ele devemos rogar e d’Ele devemos esperar a salvação dos homens. ✧

Excertos de: LEÃO XIII.
Annum Sacrum, 25/5/1899 –
Tradução: Arautos do Evangelho

¹ SANTO AGOSTINHO. *Enarrationes in Psalmos*. Salmo 95, n.5.

Nosso Senhor ressuscita a filha
de Jairo - Catedral de
Le Mans (França)



Francisco Lecaros

EVANGELHO

Naquele tempo, ²¹ Jesus atravessou de novo, numa barca, para a outra margem. Uma numerosa multidão se reuniu junto d'Ele, e Jesus ficou na praia. ²² Aproximou-se, então, um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo. Quando viu Jesus, caiu a seus pés, ²³ e pediu com insistência: "Minha filhinha está nas últimas. Vem e põe as mãos sobre ela, para que ela sare e viva!" ²⁴ Jesus então o acompanhou.

Uma numerosa multidão O seguia e O comprimia.

²⁵ Ora, achava-se ali uma mulher que, há doze anos, estava com uma hemorragia; ²⁶ tinha sofrido nas mãos de muitos médicos, gastou tudo o que possuía, e, em vez de melhorar, piorava cada vez mais. ²⁷ Tendo ouvido falar de Jesus, aproximou-se d'Ele por detrás, no meio da multidão, e tocou na sua roupa. ²⁸ Ela pensava: "Se

eu ao menos tocar na roupa d'Ele, ficarei curada". ²⁹ A hemorragia parou imediatamente, e a mulher sentiu dentro de si que estava curada da doença. ³⁰ Jesus logo percebeu que uma força tinha saído d'Ele. E, voltando-Se no meio da multidão, perguntou: "Quem tocou na minha roupa?" ³¹ Os discípulos disseram: "Estás vendo a multidão que Te comprime e ainda perguntas: 'Quem Me tocou?'"

“Basta ter fé!”

Ao operar a milagrosa cura da hemorroíssa e a ressurreição da filha de Jairo, Jesus ensina que as grandes graças são concedidas aos que têm mais fé.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – O RELATO DE SÃO MARCOS

O Evangelista São Marcos se distingue pela singeleza de suas descrições. Parco em comentários, de linguagem direta e pouco dado a recursos literários, ele desenvolve a narração num estilo conciso, como já tivemos ocasião de observar em artigos anteriores. Entretanto, nos versí-

culos recolhidos pela Liturgia deste 13º Domingo do Tempo Comum, tais características não o impedem de traçar com extrema vivacidade e eloquência os maravilhosos feitos de Jesus, surpreendendo-nos pela riqueza de detalhes que tornam as cenas verdadeiramente arrebatadoras. Quase poderíamos julgar desnecessária qualquer ou-

³² Ele, porém, olhava ao redor para ver quem havia feito aquilo. ³³ A mulher, cheia de medo e tremendo, percebendo o que lhe havia acontecido, veio e caiu aos pés de Jesus, e contou-Lhe toda a verdade. ³⁴ Ele lhe disse: “Filha, a tua fé te curou. Vai em paz e fica curada dessa doença”.

³⁵ Ele estava ainda falando, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, e disseram a Jairo: “Tua filha morreu. Por que ainda incomodar o Mestre?” ³⁶ Jesus ouviu a

notícia e disse ao chefe da sinagoga: “Não tenhas medo. Basta ter fé!” ³⁷ E não deixou que ninguém O acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João. ³⁸ Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a confusão e como estavam chorando e gritando. ³⁹ Então, Ele entrou e disse: “Por que essa confusão e esse choro? A criança não morreu, mas está dormindo”. ⁴⁰ Começaram então a caçoar d’Ele. Mas, Ele mandou que todos

saíssem, menos o pai e a mãe da menina, e os três discípulos que O acompanhavam. Depois entraram no quarto onde estava a criança. ⁴¹ Jesus pegou na mão da menina e disse: “*Talítá cum*” – que quer dizer: “Menina, levanta-te!” ⁴² Ela levantou-se imediatamente e começou a andar, pois tinha doze anos. E todos ficaram admirados. ⁴³ Ele recomendou com insistência que ninguém ficasse sabendo daquilo. E mandou dar de comer à menina (Mc 5, 21-43).

Enquanto nos escritos de São João transparece a sua nítida preocupação de salientar os lados divinos do Salvador, nos de São Marcos notamos a intenção harmonicamente oposta

tra apreciação, mas a profundidade da Palavra de Deus sempre permite ressaltar alguns aspectos capazes de tocar nossas almas.

Como pressuposto, é importante considerarmos que esta passagem põe em relevo a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Enquanto nos escritos de São João transparece a sua nítida preocupação de salientar os lados divinos do Salvador, sem perder de vista os humanos, nos de São Marcos notamos a intenção harmonicamente oposta. Sabemos que o primeiro compôs seu Evangelho impelido pelo combate às heresias gnósticas de seu tempo. O que terá movido este discípulo de São Pedro a trilhar o caminho inverso? Analisemos o texto sagrado.

II – HARMONIA ENTRE A DIVINDADE E A HUMANIDADE NA PESSOA DE JESUS CRISTO

Naquele tempo, ²¹ Jesus atravessou de novo, numa barca, para a outra margem. Uma numerosa multidão se reuniu junto d'Ele, e Jesus ficou na praia.

Cristo acabava de expulsar uma Legião de demônios do possesso de Gerasa (cf. Mc 5, 1-16), numa extraordinária manifestação de poder. Um deles, porta-voz dos espíritos impuros, suplicou que não fossem mandados embora daquela região, e que Jesus lhes ordenasse entrar numa vara de porcos que por ali pastava. Tendo-o Ele

consentido, os animais se lançaram na água em seguida, e se afogaram. Depois de recomendar ao homem exorcizado que voltasse para junto dos seus e proclamasse tudo o que o Senhor fizera por ele (cf. Mc 5, 19), o Mestre empreendeu a travessia do Mar da Galileia. Antes de atingir a outra margem, a notícia de sua chegada já se havia espalhado, pois, naquela época, apesar de quase só existir comunicação oral, as novidades corriam como um corisco. Ao descer da barca, a praia encontrava-se repleta de gente desejava de vê-Lo e abeberar-se nas suas doutrinas.

Um chefe de sinagoga alheio aos preconceitos farisaicos

²² Aproximou-se, então, um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo. Quando viu Jesus, caiu a seus pés, ²³ e pediu com insistência: “Minha filhinha está nas últimas. Vem e põe as mãos sobre ela, para que ela sare e viva!” ²⁴ Jesus então o acompanhou. Uma numerosa multidão O seguia e O comprimia.

Para estar à altura do cargo de chefe da sinagoga, Jairo certamente possuía títulos e boa posição social. Mas ele, ciente de que os seus conhecimentos nada significavam perto da sabedoria de Nosso Senhor, por quem nutria autêntica admiração, foi em busca de Jesus para impetrar a cura de sua filha, que agonizava. Ao vê-Lo, pros-



Pregação de Jesus no Lago de Tiberíades, por Joseph Alfred Ballet du Poisat
Museu Municipal de Bourg-en-Bresse (França)

trou-se diante d'Ele – o que era prova de completa submissão – e, reconhecendo sua força e seu poder, rogou que impusesse as mãos sobre a menina. Era este o costume dos sacerdotes ao rezarem pelos doentes, também adotado por Jesus em diversas oportunidades (cf. Mc 6, 5; 8, 23.25; etc.). Considerando sua fé, Nosso Senhor quis atendê-lo.

Enquanto Se dirigia à casa de Jairo, o Divino Médico era seguido pela multidão que “O comprimía”, pois todos ansiavam por aproximar-se d'Ele, escutar suas palavras ou fazer algum pedido.

Uma mulher que perdia a vida aos poucos

²⁵ Ora, achava-se ali uma mulher que, há doze anos, estava com uma hemorragia; ²⁶ tinha sofrido nas mãos de muitos médicos, gastou tudo o que possuía, e, em vez de melhorar, piorava cada vez mais.

O sangue é sinal de vida e, como é natural, perdê-lo de maneira progressiva significa definir. Embora esta enferma tivesse empregado todos os seus bens em numerosos tratamentos, os médicos não conseguiram obter a cura pretendida, levando-a à ruína. Ela havia batido a todas as portas sem nenhum resultado, e bem podemos imaginar os padecimentos a que não terá sido submetida em consequência dos escassos recursos daquele tempo! Mas, apesar dos insucessos, continuava animada e com a esperança acesa.

Fé e constância para obter a cura

²⁷ Tendo ouvido falar de Jesus, aproximou-se d'Ele por detrás, no meio da multidão, e tocou na sua roupa. ²⁸ Ela pensava: “Se eu ao menos tocar na roupa d'Ele, ficarei curada”. ²⁹ A hemorragia parou imediatamente, e a mulher sentiu dentro de si que estava curada da doença.

Este versículo denota a grande fama de Jesus entre o povo, a ponto de se divulgar que bastava tocar na veste d'Ele ou ser coberto por sua sombra para ficar são. Era, sem dúvida, uma glória impressionante!

Estimulada pelas repercussões que lhe haviam chegado acerca de Nosso Senhor, esta mu-



A cura da hemorroíssa - Museu de Belas Artes, Sevilha (Espanha)

lher de fé robusta pensou consigo: “Eis a solução!”, e se propôs a encostar a mão no manto do Divino Redentor, convicta de que tão só isto resolveria seu problema. Ela poderia julgar que uma súplica à distância já seria suficiente; sem embargo, a fé infundida por Deus em sua alma indicava que a graça estava condicionada ao gesto de “tocar na roupa d'Ele”. Deste modo ficaria patente que a saúde viera de Nosso Senhor, sem dar margem à suspeita de que fora obtida pela intervenção de um Anjo ou de qualquer outro fator.

Ora, a pobre senhora tinha pânico de se apresentar diante do Messias, não só por timidez, como também por saber que as circunstâncias eram desfavoráveis a externar o seu pedido, dado que esta doença a tornava legalmente impura (cf. Lv 15, 25). Lembremo-nos de que as mulheres, naquela época, e em particular entre os israelitas, eram relegadas a um plano inferior no âmbito social e seria inapropriado uma filha do

*A hemorroíssa
havia batido
a todas as
portas sem
nenhum
resultado, e
bem podemos
imaginar os
padecimentos
a que não
terá sido
submetida*

Nosso Senhor condicionava a realização do milagre à fé – às vezes sólida, outras vezes apoucada – que encontrava nas almas

povo eleito tomar uma atitude como a da canaínia (cf. Mc 7, 24-30; Mt 15, 21-28) – pagã, alheia aos costumes judaicos –, que se aproximou d’Ele gritando dramaticamente para implorar ajuda. Mas a fé impelia a enferma. Assim, ainda que comprimida pela multidão, foi aos poucos chegando mais perto até notar, quiçá após várias tentativas, uma brecha pela qual estendeu o braço e conseguiu tocar na orla do manto de Jesus. E logo ficou curada.

Esta passagem nos ensina como, por vezes, para obtermos uma graça especial devemos perseverar ante as dificuldades, suportando empurros, desprezos e até rejeições.

Pergunta humana, com intenção divina

³⁰ Jesus logo percebeu que uma força tinha saído d’Ele. E, voltando-Se no meio da multidão, perguntou: “Quem tocou na minha roupa?” ³¹ Os discípulos disseram: “Estás vendo a multidão que Te comprime e ainda perguntas: ‘Quem Me tocou?’” ³² Ele, porém, olhava ao redor para ver quem havia feito aquilo.

À primeira vista causa certa estranheza a expressão utilizada por São Marcos: “percebeu que uma força tinha saído d’Ele”. De fato, por seu conhecimento divino, infalível e sempre presente, Jesus tudo abarcava. Como explicar que percebesse algo que não podia ignorar? Em sua humanidade, pelo conhecimento experimental, comprovou aquilo que vira desde toda a eternidade, enquanto Deus. E o Evangelista sublinha este detalhe para

transmitir uma noção clara do lado humano de Nosso Senhor, depois de ter tornado patente sua divindade pelo instantâneo da cura.

Embora pudesse deixar partir a mulher, quis Ele ainda perguntar quem O tocara, para avivar a atenção dos Apóstolos e convidar a mulher a dar testemunho, como afirma São Jerônimo: “Por acaso o Senhor não sabia quem O havia tocado? Por que, então, a procurava? Claro que sabia, mas desejava que ela mesma o manifestasse. [...] Se não tivesse formulado a pergunta [...], ninguém teria se dado conta de que havia feito um milagre. [...] Por tal razão faz a pergunta, para que aquela mulher O reconheça publicamente e Deus seja glorificado”.¹ O Homem-Deus assim demonstrava que Ele operara a cura, evitando que o demônio inculcasse na miraculada a ideia de que fora uma mera coincidência ou fruto de uma força psicológica, como sustentam os racionalistas ao analisar tais fatos.

A fé e o amor conquistam a vida divina

³³ A mulher, cheia de medo e tremendo, percebendo o que lhe havia acontecido, veio e caiu aos pés de Jesus, e contou-Lhe toda a verdade. ³⁴ Ele lhe disse: “Filha, a tua fé te curou. Vai

em paz e fica curada dessa doença”.

Em lugar de sair às pressas para escapar de uma situação embaraçosa, a mulher preferiu acusar-se, talvez receando perder a saúde que acabara de lhe ser restituída, se não o fizesse. Por isso ajoelhou-se diante de Jesus, tremendo, mas confiante na misericórdia d’Ele, e contou o que acontecera. Conduta louvável, que indica quanto era uma pessoa humilde,



A cura da hemorroíssa - Catedral de Notre-Dame de Coutances (França)

de consciência reta e até tendente ao escrúpulo, pois imaginava ter furtado algo a Nosso Senhor e desejava devolvê-lo, sem que, todavia, o benefício lhe fosse retirado.

A resposta do Salvador nos permite conjecturar que Ele a olhou com grande complacência e bondade. Chama-a de “filha”, o que significa que ela passou a gozar de sua natureza divina. Sim, naquele instante ela teve tal enlevo e admiração pelo Filho de Deus, até a adoração, que lhe foi infundida a graça santificante, porque, como ensina São Tomás de Aquino,² quando a criatura racional

se ordena ao seu devido fim já está justificada. A vida sobrenatural penetra em quem se entusiasma e se encanta por algo superior, a ponto de amá-lo mais que a si próprio. A este respeito comenta São João Crisóstomo: “Foi pela fé que ela se tornou, de fato, sua filha”.³ Que glória ter recebido este título dos lábios de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Ao mesmo tempo, as palavras “a tua fé te curou” denotam que o restabelecimento também se deu em razão desta virtude. É ela que nos une a Deus e, por este motivo, quem a possui em grau excelente alcança uma força vinda do alto. É inegável que Jesus poderia curar unicamente em função de sua vontade onipotente. No entanto, Ele condicionava a realização do milagre à fé – às vezes sólida, outras vezes apoucada – que encontrava nas almas.⁴ Onde esta não existia, de ordinário Ele não operava milagre algum (cf. Mc 6, 5). Não consta, por exemplo, que algum dos fariseus que tenha se aproximado de Nosso Senhor fosse curado...

Nosso Senhor estimula o pai aflito a crescer na confiança

³⁵ Ele estava ainda falando, quando chegaram alguns da casa do chefe da sina-



Ressurreição da filha de Jairo – Igreja de Nossa Senhora da Consolação, Nova York

goga, e disseram a Jairo: “Tua filha morreu. Por que ainda incomodar o Mestre?”³⁶ Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: “Não tenhas medo. Basta ter fé!”³⁷ E não deixou que ninguém O acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João.

É de se imaginar o choque de Jairo perante a notícia do falecimento de sua filha, ainda mais por ser uma época em que o senso familiar era muito mais intenso do que hoje e a paternidade se exercia de

forma vigorosa. Como as providências para o enterro já deviam ter sido tomadas, temendo que a chegada de Jesus, acompanhado pela turba, provocasse um não pequeno tumulto em circunstâncias tão trágicas, os empregados quiseram deter o Mestre.

Contudo, Jesus, num desvelo próprio a inspirar os costumes do *Ancien Régime*, fortaleceu a confiança de Jairo. O conselho: “Não tenhas medo, basta-te crer e tua filha se curará” – segundo Santo Agostinho – “não é uma censura a quem desconfia, mas uma confirmação para quem acreditava mais intensamente”.⁵ A menina estava morta! Suas articulações enrijeciam, seu cadáver ficava gélido, pronto para ser embalsamado, envolto em faixas e sepultado numa gruta. Se a filha, portanto, já não tinha meios de praticar um ato de fé, o pai o fazia, manifestando sua fé ao apresentar o pedido ao Divino Mestre. É provável até que ao longo do caminho, na companhia de Cristo, ele tenha reafirmado em seu íntimo, com crescente fervor, a certeza da ressurreição da filha. A fé do chefe da sinagoga, assim como a dos três Apóstolos escolhidos por Jesus para acompanhá-Lo, tornou sua intervenção inteiramente viável, pois muitas vezes é pela crença de terceiros que se estabelece a ligação entre a onipotência de Cristo e a realiza-

Muitas vezes é pela crença de terceiros que se estabelece a ligação entre a onipotência de Cristo e a realização do milagre

Quem não tem fé constitui um empecilho para a ação da graça e pesa negativamente na Comunhão dos Santos

ção do milagre. Se Jairo houvesse pensado que a morte da filha dispensava a presença do Salvador, não teria alcançado o benefício da sua ressurreição.

Tal é a fé que devemos ter, sobretudo nos momentos mais difíceis de nossa vida. Dada a importância desta virtude, é contra ela que o demônio mais investe, procurando diminuí-la, enfraquecê-la e amesquinhá-la, para nos impedir de obter aquilo que precisamos. Seguindo o ensinamento do Divino Mestre nesta Liturgia, “basta ter fé!” Creiamos na misericórdia d’Ele para além da realidade aparente, lembrando-nos de que, quando imploramos alguma graça útil para a nossa salvação, para o bem do próximo e a glória da Santa Igreja, Deus tem mais empenho em dá-la do que nós em recebê-la. Na verdade, este nosso anseio foi precedido pelo d’Ele, desde sempre.

Só os que têm fé assistem ao milagre

³⁸ Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a confusão e como estavam chorando e gritando. ³⁹ Então, Ele entrou e disse: “Por que essa confusão e esse choro? A criança não morreu, mas está dormindo”. ⁴⁰ Começaram então a caçoar d’Ele. Mas, Ele mandou que todos saíssem, menos o pai e a mãe da menina, e os três discípulos que O acompanhavam. Depois entraram no quarto onde estava a criança.

A comitiva deparou-se à entrada da casa com um quadro de confusão próprio ao espírito manifestativo dos orientais. Alguns choravam, outros gritavam, todos estavam em alvoroço. A pri-



Ressurreição da filha de Jairo
Igreja São Pedro, Bordeaux (França)

meira preocupação de Jesus foi acalmá-los, afirmando que a menina apenas dormia. Com efeito, a criança “estava morta para os homens, que não podiam fazê-la voltar à vida, e estava adormecida para Deus, que podia dispor de seu espírito, o qual vivia em seu seio, e de seu corpo, que descansava esperando a ressurreição”.⁶ Para Ele, enquanto Deus, a morte não passa de um simples sono, passível de ser interrompido a qualquer instante por seu poder, uma vez que será Ele mesmo quem ressuscitará toda a humanidade no último dia.

Em a filha de Jairo podemos contemplar simbolicamente nossa própria figura no túmulo, deteriorada pelo desgaste do tempo, à espera do momento em que, a uma ordem do Supremo Juiz e pela força d’Ele, nosso corpo se unirá à nossa alma no estado que

a cada uma corresponda.

Porém, por serem incrédulos, os circunstantes julgaram que Jesus era um errado, porque sabiam que o corpo da menina já se encontrava inerte. Começaram então a debochar d’Ele, revelando quanto o seu pranto era fingido e egoísta; se fosse autêntico, continuariam chorando sem se incomodar com o que Ele dizia.

Por este motivo Jesus mandou que todos se retirassem, à exceção do pai, da mãe e dos três discípulos, os únicos com fé naquele ambiente. Quem não tem fé constitui um empecilho para a ação da graça e pesa negativamente na Comunhão dos Santos. Sinal de que os céticos obstruem o progresso espiritual de seu próprio meio. Devemos guardar uma prudente cautela em relação a eles, para não perdermos graças por sua má influência. Vemos ainda nesta cena como Deus preza os liames familiares, pois Ele ressuscita a menina, sobretudo por causa de seus pais. Bem podemos supor que ambos tenham se salvado e hoje se regozijem no Céu.

Nosso Senhor ressalta sua humanidade num grande milagre

⁴¹ Jesus pegou na mão da menina e disse: “*Talítá cum*” – que quer dizer: “Menina, levanta-te!” ⁴² Ela levantou-se imediatamente e começou a andar, pois tinha doze anos. E todos ficaram admirados.

Uma vez mais São Marcos apresenta conjugados os aspectos divinos e humanos do Mestre. Põe em relevo a sua humanidade, ao contar que Jesus quis ir até a casa de Jairo, tomar a mão da criança e ordenar a ela que se levantasse. Seria necessário este percurso, algum gesto ou qualquer palavra? Não, pois Ele é Deus e, à distância, poderia tanto ter impedido a morte quanto operado a ressurreição. Mas procedeu assim para deixar claro que aquela era uma obra sua, e a fim de que a menina, ao acordar, sentisse que estava em suas mãos. Desta maneira, Ele demonstra ser Homem, mesmo ao realizar milagres, e na eficácia de seu verbo ressalta sua divindade.

Nova delicadeza do Homem-Deus

⁴³ Ele recomendou com insistência que ninguém ficasse sabendo daquilo. E mandou dar de comer à menina.

Jesus proibiu a divulgação do ocorrido, porque nessa conjuntura não era conveniente que tão portentoso sinal se tornasse conhecido. É muito bonito que conste na narração evangélica sua preocupação com a refeição da menina, que o pai e a mãe, abalados pelo acontecimento, com muita probabilidade esqueceriam. Tal delicadeza revela como o zelo de todas as mães do mundo, somado, não equivale ao cuidado d’Ele por uma só pessoa. Mas, sendo Deus, não poderia eliminar a fome da criança? Pois, o que era mais fácil: satisfazer-lhe miraculosamente o apetite ou fazê-la voltar à vida? Entretanto, Ele quis que os pais lhe

dessem de comer, por duas razões. Em primeiro lugar, para comprovarem que a filha de fato estava viva, conforme assevera São Jerônimo: “Cada vez que ressuscitou um morto, ordenou que lhes fosse dado de comer, para que não se pensasse que a ressurreição era uma fantasmagoria”.⁷ Depois, a fim de nos mostrar quanto Ele ama a ordem natural das coisas. Nada mais apropriado que os pais tomarem as devidas providências para alimentar a filha, enfraquecida pelos sofrimentos de uma doença mortal. Sem dúvida, agora sua saúde estava melhor que antes da enfermidade, mas uma boa refeição era conveniente para recompor as energias.

III – A VIDA DIVINA TAMBÉM DEVE BRILHAR EM NOSSA HUMANIDADE

Ao percorrer este rico Evangelho – o mais circunstanciado relato dentre os registros sinópticos do mesmo episódio –, contemplamos a harmonia perfeita entre os aspectos humanos e divinos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Segundo explica São Tomás de Aquino, “deve-se dizer que Cristo veio salvar o mundo não somente pelo poder divino, mas também pelo mistério da própria Encarnação. Por isso muitas vezes ao curar os doentes não somente se servia do poder divino, curando com uma ordem, mas também aplicando algo

Jesus quis que os pais lhe dessem de comer para comprovar que a filha de fato estava viva e nos mostrar quanto Ele ama a ordem natural das coisas



Ressurreição da filha de Jairo
Pinacoteca do Real Mosteiro do Escorial (Espanha)

Jesus sempre está disposto a nos curar, não só dos males físicos, mas, sobretudo, dos morais, restaurando-nos na alma a inocência

pertencente à própria humanidade”.⁸ Ante este verdadeiro caleidoscópio de manifestações, ora de uma, ora de outra natureza, na Pessoa Divina de Jesus, cabe-nos analisar com atenção seu convívio com os homens ao longo da vida terrena, para podermos contemplá-Lo em toda a sua grandeza.

Com igual acuidade precisamos procurar compreender o que se passa ao nosso redor. Em consequência de uma fé pouco robusta, somos tentados a conceber a realidade por um prisma estritamente humano, menosprezando a visão sobrenatural. Não obstante, a existência humana sempre está sujeita à influência do mundo invisível e, portanto, às nossas tendências associam-se a ação de um demônio ou de um Anjo. Assim como é impensável considerar Nosso Senhor apenas como Homem, ignorando a união hipostática, do mesmo modo é um grave erro nos esquecermos de que, pelo Batismo, cada cristão, sendo mera criatura, ascendeu à participação na vida divina. Isto faz com que todas as nossas deliberações sejam marcadas pela graça ou por sua ausência. Saibamos distinguir por qual destes fatores somos influenciados. Serão Anjos ou demônios? A graça ou os instintos naturais desregulados? A virtude ou o vício? Com esta impostação veremos tudo não em duas dimensões, mas na perspectiva da eternidade.

Amor humano de magnitude infinita

Por efeito da culpa original e dos pecados atuais, as portas do Céu estavam fechadas para nós e merecíamos a morte eterna. No entan-



Cristo Bendizente - Museu do Hermitage, São Petersburgo (Rússia)

to, o Verbo, tendo-Se encarnado, experimenta em sua humanidade sentimentos de imensa compaixão para conosco. Em quantas ocasiões, vindo partir deste mundo um ente querido, nós não desejaríamos ter morrido em seu lugar? Ora, Nosso Senhor Jesus Cristo de tal maneira nos amou, que Se entregou por nós e nos resgatou por seu sacrifício, franqueando-nos o acesso à vida verdadeira. Meditar nesta maravilha nos proporciona um benefício monumental, porque com frequência

somos assaltados por aflições, tentações, medo, e por vezes até incorremos em funestos delitos; mas se Nosso Senhor cura, ressuscita e perdoad, Ele tem poder para minorar nossos problemas e nos soerguer de qualquer queda. O que é preciso de nossa parte? “Basta ter fé!”

A hemorroíssa, figura do pecador que ainda tem fé

Neste sentido, a hemorroíssa, que “piorava cada vez mais”, é imagem daquele que, privado do fluxo vital da graça e da energia sobrenatural, depois de cometer uma falta grave, vai atrás de falsos remédios e busca a felicidade onde ela não está, unindo-se a más amizades e optando por certos convívios que o desviam do bom caminho. E quanto mais esforços empreende para satisfazer seus anseios, tanto mais se exaure e se afasta daquilo que enganosamente procura; o brilho da inteligência e a força de vontade diminuem; o dinamismo da alma se esvai. Perdidas as virtudes e os dons, pelo pecado, resta-lhe apenas um resquício de esperança e um

¹ SÃO JERÔNIMO. Tratado sobre el Evangelio de San Marcos. Homilía III (5,30-43). In: *Obras Completas. Obras homiléticas*.

cas. Madrid: BAC, 1999, v.I, p.853.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.89, a.6.

³ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Homilías sobre el Evangelio de San Mateo (1-45). Homilía XXXI, n.2. In: *Obras*. 2.ed. Ma-

drid: BAC, 2007, v.I, p.619.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., III, q.43, a.2, ad 1.

“tendão” de fé. À medida que reincide em novas transgressões, também estes vão aos poucos se apagando.

Para evitar que isto aconteça é indispensável que, se cairmos, nos arrependamos e digamos suplicantes: “Senhor, eu mereço todos os castigos e, quiçá, o inferno. Mas peço perdão de meus crimes com ardorosa fé no vosso poder”. Tenhamos confiança de que Jesus sempre está disposto a nos curar, não só dos males físicos, mas, sobretudo, dos morais, restaurando-nos na alma a inocência, como restituiu a saúde à hemorroíssa. A tal ponto se preocupa em revigorar a alma, de preferência ao corpo, que Ele não legou à Igreja algo ao estilo de um caixa automático para sarar doenças, em que os enfermos se ajoelhem e saiam restabelecidos. Instituiu, isto sim, o Sacramento da Penitência, com o qual não contaram os eminentes varões do Antigo Testamento. Naquele então, ninguém podia recorrer a um sacerdote para se acusar de suas faltas e ser absolvi-

do, com a certeza de ficar limpo de toda culpa. Que grande dom o Divino Redentor pôs ao nosso alcance!

Nós temos a Eucaristia!

A exemplo dos protagonistas da passagem do Evangelho deste 13º Domingo do Tempo Comum, aproximemo-nos de Nosso Senhor e Ele nos prodigalizará seus favores. No Sacramento da Eucaristia, mais que estreitar a mão que levantou a menina do leito de morte ou tocar o manto cujo contato devolveu a saúde à mulher, cada um de nós recebe Jesus em Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Se Ele Se dá por inteiro a nós, não haverá de nos curar as misérias, solucionar as dificuldades espirituais e, inclusive, suprir as carências materiais? Roguemos a Jesus, por intercessão de Maria, uma fé maior que a da hemorroíssa e a de Jairo, para nos beneficiarmos de todos os tesouros que em sua misericórdia Ele quer nos conceder! ✧

No Sacramento da Eucaristia, mais que estreitar a mão que levantou a menina do leito de morte ou tocar o manto cujo contato devolveu a saúde à mulher, cada um de nós recebe Jesus em Corpo, Sangue, Alma e Divindade



Adoração Eucarística na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

⁵ SANTO AGOSTINHO. De consensu evangelistarum. L.II, c.28, n.66. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1992, v.XXIX, p.377.

⁶ SÃO BEDA. In *Marci Evangelium expositio*. L.II, c.5: PL 92, 182.

⁷ SÃO JERÔNIMO. *Contra Joviniano*. L.II, c.17.

In: *Obras Completas. Tratados apologéticos*. Madrid: BAC, 2009, v.VIII, p.339; 341.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., III, q.44, a.3, ad 2.

Escondido nas brumas da História... um rei mártir!

À semelhança do Rei do Universo, que nasceu numa gruta gélida e morreu crucificado pelos chefes do mundo, Luís XVII iniciou seu reinado numa prisão e carregou sobre si, até a morte, o pesado jugo do ódio revolucionário.



Ir. Patricia Victoria Jorge Villegas, EP

Paris, 21 de janeiro de 1793. O rufar dos tambores soa por toda a capital, seguido do urro de uma multidão sedenta de sangue. De repente, faz-se um espantoso silêncio, que toma conta da praça enquanto o criminoso chega ao cadafalso.

Criminoso? Sim. Qual lei havia rompido? A lei que “a liberdade, a igualdade e a fraternidade” tinham imposto à nação: a monarquia é “opressora” e, portanto, deve-se exterminá-la. O “crime” desse réu consistia em ser rei da França, razão pela qual estava sendo tratado como o pior dos bandidos!

Na praça, o silêncio prolonga-se por mais alguns instantes pois, por incrível que pareça, nos corações dos franceses ali presentes ainda palpitavam restos de respeito pela hierarquia e de amor à nobreza. Meses antes aclamavam com entusiasmo o Rei Luís XVI, o qual agora contemplam ser entregue à morte, para logo comparecer ante o justo juízo de Deus.

Segue-se um último toque de tambores, e a implacável lâmina da guilhotina desce sobre a cabeça do infeliz monarca.

O “melhor vinho” da realeza francesa

Para alguns, a notícia da morte do rei causou terror e consternação; para outros, ela foi motivo de danças e cânticos, que rapidamente culminaram em verdadeiras orgias, próprias à vileza de espírito que a Revolução Francesa propagava entre seus adeptos.

Entretanto, a mão de Deus, que tão bondosamente havia conduzido a filha primogênita da Igreja ao longo dos séculos – desde o Batismo de Clóvis, atravessando o reinado do grande Carlos e rejubilando-se com a virtude de São Luís IX, até chegar àquele terrível dia –, não se afastara dela. Estava reservada para a França, assim como para toda a História, o “melhor vinho” de sua realeza: um menino!

Sim, um menino, que chorava amargamente a morte do pai e jazia prisioneiro abraçado por sua mãe, a partir de então uma pobre viúva. Sobre este jovenzinho de apenas sete anos recaía o manto dos Reis Cristianíssimos, o qual, por sua vez, havia de crescer em dignidade ao passar a cobrir uma criança inocente coroada pela dor e pelo martírio.

O Delfim Louis-Charles, nascido em 27 de março de 1785, filho da ilustre Princesa d’Áustria e Rainha da França, Maria Antonieta, e do Rei Luís XVI, era já aclamado como Luís XVII por todas as nações da Europa e pelos franceses que se mantinham fiéis à monarquia.

Um reinado marcado pela fidelidade em meio à tragédia

“*Vive le Roi! Vive Louis XVII!*”, era o brado que ecoava pelas tropas católicas da Vendée e pelo exército do Duque de Condé. Entretanto, à semelhança do Rei do Universo, que nasceu numa gruta gélida perseguido pelos chefes do mundo, o pequeno Luís XVII viveu os primeiros dias de seu reinado numa prisão, carregando sobre si o pesado jugo do ódio e da indignação revolucionária.

Sabiam os fautores da Revolução que por esta criança passava o fio dourado da realeza da França, cuja monarquia quase lendária havia impregnado com seu perfume os séculos da Cristandade. E sabiam, portanto, que a história do pequeno monarca definiria o futuro da Europa e da Civilização Cristã.



Fotos: Reprodução

Maria Antonieta com seus filhos Marie-Thérèse, Louis-Charles (no colo) e Louis-Joseph, por Élisabeth Vigée-Le Brun - Palácio de Versailles (França)

Desejando derrubar qualquer tradição sadia, levar à ruína a ordem estabelecida pela Santa Igreja nos costumes e implantar o caos e a igualdade nas almas e nos povos, planejaram maquiavelmente o misterioso desaparecimento deste jovem rei. Para isso, começaram por separá-lo da única que poderia ampará-lo, sustentá-lo e aconselhá-lo naquelas dramáticas circunstâncias: sua mãe.

Durante a tragédia mais sublime da História dos homens, a Paixão de Nosso Senhor, deu-se uma cena pungente e desgarradora: o encontro de Jesus com Maria e a solene despedida de ambos no Calvário. Depois de entregá-La ao Apóstolo João, o Divino Redentor expirou, separando-Se fisicamente d'Aquela que, entre todas as criaturas, era a mais amada de seu Sagrado Coração.

Quem poderá imaginar as dores que essa separação causou ao Imaculado Coração de Maria? Ninguém! Pois não houve mãe que tivesse amado tanto um filho quanto a Virgem

Era preciso que um inocente sofresse pelo povo. Assim, arrancado do carinho e dos cuidados maternos, Luís XVIII iniciou seu calvário

Santíssima amou o seu, o qual era o próprio Deus!

Séculos depois, houve uma mãe que – guardadas as devidas proporções – sofreu no cárcere da Torre do Templo dores análogas às de Nossa Senhora, ao ver lhe arrancarem dos braços seu amado filhinho, o delfim da França.

Prantos, ameaças, gritos e lamentações... Nada comoveu os corações endurecidos daqueles revolucionários. Vendo todos os seus esforços caírem no vazio, Maria Antonieta, cuja cabeleira loira havia se tornado branca

pelos horríveis sofrimentos da prisão, compreendeu, afinal, ser aquele tormento permitido por Deus por razões que ela não alcançava a compreender. Lembrando-se do martírio supremo que Ele próprio abraçara por amor dos homens, armou-se da coragem que animara a Santíssima Virgem a estar de pé ante o Filho agonizante e, com santo heroísmo, disse ao pequeno, que se encontrava desesperadamente agarrado a ela: “Não, meu filho, é necessário obedecer; é necessário!”¹ Com seu coração materno transpassado de dor, soltou a mão do menino, o qual acabou por aceitar que a elevada condição de rei lhe exigia, naquela hora, um cruel padecimento.

Era, de fato, preciso que um inocente sofresse pelo pecado de seu povo. Assim, arrancado para longe do carinho e dos cuidados maternos, Luís XVII iniciou seu doloroso calvário.

Cruel e lento martírio, padecido com santidade

Levado para um outro compartimento da Torre do Templo, o delfim foi entregue nas mãos de Simão, o sapateiro, um “fiel patriota”, dado à bebedeira e aos mais depravados costumes. Este seria o “educador” de Luís XVII, que contava apenas oito anos de idade.

Aproveitando-se de sua pueril ingenuidade, o sapateiro ensinava-lhe as músicas revolucionárias e inúmeras vezes o embriagava para que proferisse injúrias à coroa e assinasse documentos que favoreciam o novo “governo” francês.²

É difícil descrever em poucas linhas a condição lastimosa em que os maus-tratos de Simão deixaram o pequeno rei... Sua saúde ficou profundamente abalada; sua fisionomia, outrora doce e sorridente, tornou-se marcada pela tristeza, e seu semblante, emagrecido e pálido; seus membros ficaram alongados e desproporcionais, suas costas, encurvadas,

e sua postura, abatida.³ Contudo, a personalidade do jovem Luís mantém-se firme. Nos momentos de lucidez, ele se opunha energicamente a qualquer sugestão de Simão, e era por isso castigado com injúrias furibundas, bofetadas, pontapés e até mesmo agressões mais violentas, como ser agarrado e sacudido no ar até ter o corpo todo deslocado.⁴

A cólera do ímpio sapateiro era tão descontrolada que, certo dia, constatando que de nenhuma forma conseguiria obrigar o menino a dizer “Viva a República!”, precisou ser detido por um conhecido ali presente, para não acabar por matar o pequeno com golpes...

Diante de tanto horror, porém, o delfim dava constantes mostras de virtude e paciência. Um exemplo comovente deu-se a propósito do fato narrado acima. Conta a História que, “no dia seguinte, quando [o mesmo conhecido] regressou [aos aposentos de Simão], foi surpreendido pela oferta de uma maçã por parte de Luís XVII, que lhe disse ter conservado a sobremesa da véspera para lhe oferecer, em agradecimento por lhe ter salvo a vida”.⁵ De fato, embora exausto pelas torturas e pela prisão, o jovem rei jamais perdeu sua nobreza de alma e de sangue; pelo contrário, o sofrimento apenas requintou em seu coração essas qualidades.



Em várias outras circunstâncias Luís XVII brilhou diante de Deus por suas piedosas disposições. Certa vez, foi flagrado por Simão enquanto rezava, de madrugada, ajoelhado sobre sua enxerga; no dia seguinte, vendo o pequeno novamente em oração, o bruto sapateiro surpreendeu-o pelas costas com uma bacia de água gelada que o ensopou completamente, assim como ao seu leito. Em outra ocasião, deu mostras de profundo desapego de si mesmo quando, ao ser questionado sobre o que faria se os vandeianos restaurassem o trono da França, respondeu: “Eu vos perdoaria”.⁶ A maior prova de sua virtude, porém, encontra-se sem dúvida em que “nunca [formulou] a menor censura, [nem] a mais leve acusação contra os que o tinham torturado”.⁷

Esse jovem rei foi um autêntico mártir de corpo e, antes de tudo, de alma. Sua fidelidade a Deus e à França, em meio a tantos tormentos, marcou a História para sempre.

Novas e mais lancinantes provações...

Como a Revolução sempre engana seus agentes, uma mudança de poderes levou o próprio Simão à guilhotina. O pequeno delfim, quase destruído por tantos maus-tratos e com a saúde completamente depauperada, foi então lançado numa pri-

são e nela esquecido como um enterrado-vivo. Durante seis longos meses ficou apenas sob a vigia de alguns guardas. Ele já havia combatido, com o mesmo heroísmo de seus antepassados, a influência pecaminosa e satânica de Simão; agora, ser-lhe-ia necessário enfrentar adversários ainda mais cruéis: o abandono, a solidão e o medo.

Iniciava-se um novo “martírio incessante, de coração e de espírito, profundo e lancinante, totalmente inefável, comovente para todos, mas que só Deus pôde conhecer. Aparentemente, pelo menos, ele não podia ter deixado de se sentir totalmente abandonado pelos Anjos e pelos seus, e entregue, indefeso, ao ódio, à crueldade bárbara e à grosseria injuriosa dos seus inimigos que não procuravam senão destruí-lo e, nele, a França, de que era a encarnação”.⁸

Quem poderá desvendar os enormes combates interiores que esta jovem alma travou em sua solidão? O tempo passado na prisão parecia-lhe uma eternidade... Os fantasmas do pavor atormentavam-lhe o terno coração, e a angústia tomava conta de seu ser, antes tão cheio de força e de coragem. Sua curtíssima vida assemelhava-se ao pior dos pesadelos: bem longe do respeito, pompas e honrarias a que tinha direito, sem a menor ocupação que o pudesse distrair, sem uma palavra sequer que o animasse e, sobretudo, sem alguém que o amparasse naquela dura situação. Seus dias se passavam como anos, e os meses como décadas...

Entretanto, enquanto a Revolução espalhava o terror pela França, o sangue deste rei, vítima do seu próprio povo, era apresentado a Deus qual oferta de suave e irresistível odor.

Opróbrio da nação, carregou até a morte os pecados de seu povo

Os meses se passaram e a direção do governo tomou, novamente, outros rumos. Os responsáveis pelo del-

Nos momentos de lucidez, o delfim se opunha às sugestões de Simão, sendo castigado com injúrias furibundas, bofetadas e pontapés

Simão, o sapateiro, e Luís XVII no Templo em 1794, por Jean-Louis Prieur

fim – agora menos radicais e odiosos –, vendo seu estado assustador, iniciaram os procedimentos para sua recuperação. Contudo, a saúde do menino a tal ponto definhara que os esforços dos médicos foram inúteis, servindo apenas para prolongar sua agonia...

Há uma pungente frase da Escritura que se aplica ao Divino Chagado: “Sou um verme, não um homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe” (Sl 21, 7). Este rei da França, à semelhança de Nosso Senhor Jesus Cristo, tinha o corpo coberto de úlceras e, irreconhecível, não podia movimentar-se sem dor. Tendo-se tornado, como Cristo, o opróbrio da sua nação, carregava também sobre si os pecados do seu povo. Por amor aos seus, havia de sorver até o fim o cálice que lhe fora destinado.

Em junho de 1795, era finalmente chegada a hora derradeira para o pequeno mártir. Num leito, com dores violentas em todo o corpo, sua fisionomia tornou-se de repente plácida e serena. Um dos que o acompanhavam, segurando sua mão, disse-lhe: “Espero que vós não tenhais de sofrer mais...” E recebeu esta resposta cheia de unção: “Oh! Eu sofro ainda, mas muito menos. A música é tão bela!” Surpreso e tomado de compaixão, o acompanhante perguntou-lhe de que lado vinha a música, ao que ele respondeu: “Do alto! E posso distinguir entre as vozes o timbre de minha mãe!”⁹

Algum tempo depois, houve uma troca de carcereiros. Quando o novo guarda se aproximou, percebendo que o menino estava nos últimos momentos de sua existência, perguntou-



Luís XVII, por Alexander Kucharsky
Palácio de Versailles, França

*O jovem rei jamais
perdeu sua nobreza
de alma e de sangue;
o sofrimento
apenas requintou
em seu coração
essas qualidades*

-lhe como se sentia. O pobre órfãozinho, insistindo no que dissera anteriormente, respondeu: “Crês que minha irmã está escutando a música? Faria tão bem a ela poder ouvir essa música!”¹⁰ Diante de tanta inocência e nobreza de alma, do coração dos que o acompanhavam brotou um respeitoso silêncio.

Passados mais alguns instantes, com os olhos brilhantes e bem aber-

tos, dando a impressão de estar em um êxtase, o jovem rei ergueu-se com muita dificuldade e disse: “Eu tenho algo a dizer...”¹¹ Porém, as forças o deixaram, e os homens não foram dignos de ouvir as últimas palavras concebidas por seu virginal coração; ficaram como um segredo precioso que Deus quis reservar para Si. Com muita calma, o menino recostou novamente a cabeça e entregou sua alma ao Sagrado Coração de Jesus, Aquele que, havia mais de cem anos, concedera aos soberanos da França o privilégio de sua amizade, de seu amor e de sua predileção. Era o dia 8 de junho de 1795.

Por fim, os Céus o acolheram!

Certamente, o pequeno rei mártir logo pôde encontrar o consolo e o repouso de todos os seus tormentos nos braços de Nossa Senhora! A este filho de tantas dores, a este herdeiro de tantos tesouros, a este guerreiro que concentrou em si os mais belos e ousados heroísmos de sua linhagem, Maria Santíssima, Mãe de Misericórdia, não poderia deixar de abrir, com ternura, as portas do Paraíso!

Apesar de não ter sido beatificado pela Igreja, Luís XVII é merecedor de toda nossa admiração, nosso enlevo e nosso encanto, pois ele deixou um sublime exemplo para os séculos futuros. Ao aceitar com heroica grandeza sofrimentos muito acima de suas forças, e suportar em benefício da nação os tormentos que ela própria lhe infligira, ensinou-nos a proceder como outros Cristos quando os ventos da tragédia baterem às portas de nossas almas! ✧

¹ CHARLES-ROUX, Jean. Pai-xão e calvário de um menino-rei de França. In: ESCANDE, OP, Renaud (Dir.). *O livro negro da Revolução Francesa*. Lisboa: Alêtheia, 2010, p.134.

² Cf. Idem, p.137.

³ Cf. BEAUCHESNE, Alcide de. *Louis XVII, sa vie, son agonie, sa mort. Captivité de la famille royale au Temple*. 8.ed. Paris: Hachette, 1871, v.II., p.163.

⁴ Cf. CHARLES-ROUX, op. cit., p.137-138.

⁵ Idem, p.138.

⁶ Idem, p.136.

⁷ Idem, p.143.

⁸ Idem, p.141.

⁹ Cf. BEAUCHESNE, op. cit., p.324-325.

¹⁰ Cf. Idem, p.325. Referência a Marie-Thérèse Charlotte, a *Madame Royale*, irmã mais velha de Luís XVII e, como ele, prisioneira num dos compartimentos da Torre do Templo.

¹¹ Idem, *ibidem*.



Consenso ou convicção?

Destituído de qualquer princípio verdadeiro, aquele homem se colocava sempre ao lado do vencedor, fiel ao seu eterno partido, o da maioria... Seria esse um personagem do passado, ou de nossos dias?



Vinícius Niero Lima

Naquele parlamento muitos falavam, outros gritavam, alguns vociferavam palavras vazias; todos ao mesmo tempo, sem ordem nem respeito. Num canto, um homem analisava a cena: enquanto a maioria disputava a palavra, ele guardava silêncio, atento à atitude dos circunstantes. O personagem era magro, de olhar frio, nariz aquilino; nada nele possuía estética, tudo era anguloso e de aspecto sombrio.

Iniciou-se, então, uma votação: “Sim”, diziam os mais atrevidos; “Não”, murmuravam alguns. O homem esquelético esperava o momento decisivo, pois não gostava de manifestar sua opinião antes de ter avaliado bem o que mais lhe seria proveitoso. A certa altura, aquele que, horas antes, havia escrito um discurso a favor do “não”, foi chamado. “O bom calculador contara os votos e verificara que ia ficar na minoria, o único partido ao qual ele nunca pertencerá, e subindo à tribuna com o seu passo silencioso, murmurou: ‘A morte’”.¹

Apenas pronunciou o seu voto, os olhares se voltaram para ele. Seus amigos sentiram a punhalada que acabavam de receber, sem entender o jogo que executava; seus inimigos abriram um cínico sorriso de aprovação. Na verdade, tratava-se de alguém que, “devido à sua reserva sutil, à audácia de não ter nenhum caráter, à sua ausência completa de convicções”,² sempre se colocava, “tranquilamente e sem perigo, ao lado do vencedor, no seu eterno partido, o da maioria”.³

Joseph Fouché⁴ acabava de se tornar um regicida.

Seu ideal: ver-se livre de qualquer convicção

Era o dia 16 de janeiro de 1793. Por instantes o destino de Luís XVI passou pelas mãos maculadas daquele homem, cujo ideal era o de ver-se livre de qualquer convicção. E ele optou por sentenciá-lo à morte. Em consequência, a guilhotina, inclementemente e intolerante, deceparia dias depois a cabeça do rei da França.

Quando Fouché saiu do parlamento, o clima estava cinzento. Depois de haver cometido tão horrendo crime, o deputado de angulosa fisionomia caminhava tranquilamente pelas ruas de Paris, agitadas por uma população em algazarra.

Quiçá, ao longo de seu trajeto, tenha buscado justificar-se perante os assaltos da consciência pesarosa, pensando: “Embora por muito tempo investido de um poder oculto e terrível, dele apenas me servi para acalmar paixões, dissolver os partidos e evitar as revoltas. Eu, que tanto me esforcei em moderar e abrandar o poder, em conciliar ou fundir os elementos contrários e os interesses opostos que dividiam a França”.⁵

Com efeito, a enganosa bandeira do consenso sempre tremula quando, sendo necessário tomar uma decisão firme, baseada em princípios verdadeiros, capitula-se diante da mesquinha maioria, por medo ou por interesse.⁶

¹ ZWEIG, Stefan. *Joseph Fouché. Retrato de um homem político*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942, p.33.

² Idem, p.30.

³ Idem, p.37.

⁴ Joseph Fouché foi influente e discreto político durante a Revolução Francesa, e dela saiu ileso; chegou a ser Ministro da

Polícia no Diretório e durante o período napoleônico.

⁵ FOUCHÉ, Joseph. *Memórias sobre Fouché*. São Paulo: José Olympio, 1946, p.11.

⁶ Observa Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra do Reino Unido: “Para mim o consenso parece ser o processo do abandono de todas as cren-

Por espírito de consenso, negam-se as convicções

Mas por que recordar esse fato histórico, ocorrido há mais de dois séculos? Terá ele algum ensinamento para os nossos dias?

Num mundo de instabilidade, insegurança e, portanto, de incerteza, como este em que vivemos, se as nossas convicções em relação ao bem, à Igreja e a Deus não estão muito firmes, elas cambalearão diante da pressão psicológica ou até da perseguição aberta feitas por aqueles que visam desfigurar ou destruir qualquer presença do sobrenatural na terra. Pois o instinto de sociabilidade impele todo homem a querer “ficar bem” com os demais, ainda que isso suponha renegar os princípios adquiridos.

Um exemplo paradigmático dessa realidade se encontra na Paixão de Nosso Senhor: a mesma população que O saudou com hosanas no Domingo de Ramos, poucos dias depois – por espírito de consenso – vociferou o “Crucifica-O”, cometendo o pior dos pecados da História, o deicídio.

Como, então, adquirir convicções firmes, capazes de vencer qualquer desafio? Onde alicerçá-las?

As convicções inabaláveis só nascem da fé

Ao explicar a definição de fé contida na Carta aos Hebreus – “a fé é a substância das coisas que se devem esperar e a prova do que não se vê” (11, 1) –, São Tomás de Aquino observa que o termo *prova* está empregado aqui com vistas a indicar seu efeito: pela prova o intelecto é induzido a aderir a uma verdade da fé, que não se comprova pelos sentidos. “Por isso, uma outra versão usa a palavra *convicção*, o que significa que,

pela autoridade divina, o intelecto do crente é convencido a aderir àquilo que não vê”.⁷

Portanto, quando a convicção provém da fé, ela se robustece, lançando fora qualquer dúvida: “Ao dizer *prova*, distingue-se a fé da opinião, da suspeita e da dúvida, pelas quais a primeira adesão do intelecto a alguma coisa não é firme”.⁸

O Doutor Angélico não se detém, contudo, em meras elucubrações intelectuais. Mais adiante afirma que “à fé se refere não somente a crença do coração, mas também a manifestação dessa fé interior por palavras e procedimentos exteriores”.⁹

Assim sendo, quando a convicção é fruto da fé, ela tende a se expressar em atitudes concretas, de maneira que, quanto mais a alma se fortalece nesta virtude, mais a vontade adere aos princípios. E como as virtudes são irmãs, a caridade, auxiliada pelas certezas da fé, se acrisola, faz-

do com que os atos de amor se tornem mais firmes e profundos.

Ai dos “Fouchés” contemporâneos!

À luz dessa doutrina, surgem algumas perguntas para cada um de nós. Diante da perseguição que a verdadeira Igreja sofre em tantos ambientes, de que lado ficarei? Se me for pedido renegar os meus princípios cristãos em favor da opinião geral, o que responderei? Serei contado entre os seguidores do consenso unânime?

Queira Deus que estejamos sempre firmes na fé, inabaláveis na esperança e ardentes na caridade (cf. Col 1, 23), para não acontecer de descobrirmos que as fortes convicções que julgávamos ter na realidade eram frutos pecos de um deletério consenso. Diante deste, nunca dobremos nossa inteligência nem nossa vontade, quais infames “Fouchés” contemporâneos. ✧



O consenso sempre tremula quando, sendo necessário tomar uma decisão firme, capitula-se diante da mesquinha maioria

Gravura alemã representando a execução de Luís XVI; na página anterior, retrato de Joseph Fouché - Palácio de Versailles (França)

ças, princípios, valores e políticas, em busca de algo em que ninguém acredita, mas ao qual ninguém se opõe; o processo de evitar os problemas que pre-

cisam ser resolvidos, simplesmente porque não se consegue chegar a um acordo no caminho a seguir. Que grande causa lutou e venceu sob a bandeira

“Eu represento o consenso?” (THATCHER, Margaret. *Speech at Monash University*, 6 out. 1981. In: www.margaretthatcher.org).

⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.4, a.1.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Idem, q.12, a.1, ad 2.

Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento

Ao considerar a vida de Maria, costuma-se ter em vista sua presença em Belém, em Nazaré ou no Calvário, deixando de lado o tempo em que, já sem a presença humana de Jesus, Ela continuou em sua companhia através das Espécies consagradas.



Pe. Rafael Ramón Iburguren Schindler, EP

Ao fundar a Congregação do Santíssimo Sacramento em 1856, São Pedro Julião Eymard levou à máxima exaltação o culto à Eucaristia, mediante sua exposição perpétua e solene. É esta a originalidade da fundação por ele feita.

Seu zelo o impulsionou a ambicionar e trabalhar empenhadamente para estabelecer a Adoração Perpétua no próprio local

onde Cristo instituiu o Divino Sacramento, o Cenáculo. Mas, apesar de seus esforços, ele não conseguiu concretizar tão simbólico e genial objetivo.

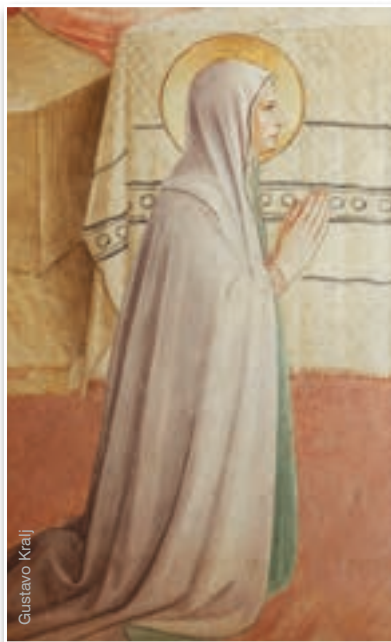
Como não poderia deixar de ser, esse Santo era também um grande devoto de Maria Santíssima, que o inspirou a fundar sua providencial congregação. Escreveu ele, para proveito de seus filhos espirituais, uma breve meditação mariano-eucarística, sintetizada por um de seus discípulos, que interessará a todos os fiéis amantes da Eucaristia.

Modelo das almas eucarísticas

“Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento é o novo nome de algo muito antigo’ [...]. Veneram-se com razão todos os mistérios da vida da Mãe de Deus. As almas contemplativas têm um exemplo na vida de Maria em Nazaré, assim como os corações desolados encontram consolação na Virgem Dolorosa. Há em todas as ações da Santíssima Virgem uma graça que nos conduz suavemente a honrá-las e imitá-las, cada um conforme sua própria vocação.

“Ora, Maria viveu mais de quinze anos após a Ascensão de seu Divino Filho. Em que foram ocupados esses longos dias de exílio e que graça encerra este importante período da vida de nossa Mãe? O Livro dos Atos dos Apóstolos nos responde com muita clareza. Nele está dito que os primeiros cristãos viviam na paz, na união, na mais ardente caridade [...], perseverando na fração do pão (cf. At 2, 42).

“Viver da Eucaristia e para a Eucaristia, reunir-se em torno do tabernáculo para cantar hinos e cânticos espirituais: eis o caráter distintivo da Igreja primitiva. O Espírito Santo o consignou na sublime história eclesial redigida por São Lu-



Maria é chamada Mãe da Igreja, pois desde seus albores Ela lhe deu exemplo, força e instrução, e no Céu Ela continua esta missão!

Última Ceia (detalhe), por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

cas; tal foi também o resumo dos últimos anos da Santíssima Virgem, que reencontrava na adorável Hóstia o Fruto bendito de suas entranhas, e na vida de união com Nosso Senhor no tabernáculo, os ditosos tempos de Belém e Nazaré. Oh, sim! É sobretudo Maria quem perseverava na fração do pão.

“Ó almas eucarísticas, que quereis viver para o Santíssimo Sacramento, que fizestes da Eucaristia o centro de vossas vidas, e de seu serviço vosso único labor, Maria é vosso modelo, sua vida é vossa graça. Perseverai, como Ela, na fração do pão”.¹

Convivendo com Jesus nas Espécies consagradas

De fato, ao considerar a vida de Maria, costuma-se ter em vista sua presença em Belém, em Nazaré ou no Calvário, deixando de lado o tempo em que, já sem a presença humana de Jesus – como a teve até a Ascensão –, Ela continuou em sua companhia através das Espécies consagradas que palpitavam ininterruptamente em seu Coração e se renovavam a cada Comunhão.

Um piedoso autor antigo, Bernardino de Paris,² afirma que Jesus, ao instituir a Eucaristia, visou de modo especial sua Mãe, para que a mais excelsa de suas obras fosse recebida pela mais nobre de suas criaturas.

Só Maria Santíssima conservou íntegra a fé enquanto Jesus estava no sepulcro. Após a Ressurreição, Ela animou os discípulos, manteve-os unidos e esperançosos, propiciou a vinda do Espírito Santo, instruiu os Apóstolos com seu testemunho, seus conselhos e relatos da vida de seu Divino Filho.

Quem senão Ela poderia ter narrado a São Lucas os episódios da infância de Jesus relatados em seu Evangelho? E quantas confidências recebeu São João d’Aquela que Cristo confiou a seus cuidados, no alto da Cruz? Com toda razão Maria é chamada Mãe da Igreja, pois desde seus



Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento - Basílica de Santa Maria Maggiore, Roma

“Ó almas, que fizestes da Eucaristia o centro de vossas vidas, Maria é vosso modelo, sua vida é vossa graça”

albores Ela lhe deu exemplo, força e instrução, e no Céu continua a exercer até hoje esta missão!

Fervor sempre crescente, sob a proteção de Maria

A Igreja sempre cresce em santidade ao longo da História, dado que os pecados de seus membros não conseguem desfigurá-la em sua substância. Cristo “amou a Igreja e Se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a pela água do Batismo com a palavra, para apresentá-la a Si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 25-27). Pela força da Eucaristia e sob a proteção de Maria, não se pense que a Igreja apenas “so-

brevive” nas diversas crises que tenha de atravessar. Ela se renova e progride permanentemente!

A propagação do culto ao Santíssimo Sacramento constitui um dos aspectos desse contínuo progresso. Se é verdade que ultimamente foram fechadas várias igrejas – e algumas até profanadas –, não é menos certo que o fervor e a sede eucarística se intensificaram aqui, lá e acolá.

Por exemplo, em muitas capelas dos Arautos do Evangelho se realiza há anos, sem interrupção, a Adoração ao Santíssimo Sacramento.

Prêmio eterno dos adoradores de Jesus Eucarístico

Tão fulgurante realidade não brilha aos olhos do mundo paganizado, mas sim ante o trono do Altíssimo. Quantos benefícios esses atos de adoração compram, e quantas desgraças evitam! A oração aos pés do Senhor Sacramentado conquista graças assinaladas.

As muitas horas que São Pedro Julião Eymard passou junto a Jesus Sacramentado – no altar, próximo ao sacrário ou diante do ostensório – lhe mereceram o prêmio de ver sem véus o Deus que ele adorou oculto na Eucaristia e de contemplar Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, sua Mãe. Porque desfrutar para sempre desse celeste convívio é o maravilhoso destino eterno dos adoradores de todos os tempos. ✧

Transcrição, com adaptações, da mensagem escrita para a Federação Mundial das Obras Eucarísticas da Igreja, de cujo conselho diretivo o autor é membro

¹ TESNIÈRE, SSS, Albert. *Le prêtre de l'Eucharistie ou Le Bienheureux Pierre-Julien Eymard*. 9.ed. Lille: Desclée de Brouwer, 1926, p.166-168.

² Cf. BERNARDINO DE PARIS. *La Communion de Marie, Mère de Dieu*. Paris: Jacques Lecoffre, 1860, p.18.



Meditações de um menino sobre o Coração de Jesus

Desde cedo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus acendeu-se no interior do pequeno Plínio. Sentia-se ele especialmente atraído por sua nobreza e bondade, como narraria mais tarde.

Plínio Corrêa de Oliveira

Recordo com emoção que Nossa Senhora dispôs as coisas de maneira que eu residisse perto de uma igreja tão altamente carregada de bênçãos quanto é a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.¹ Ali eu assistia à Missa de domingo, com meus pais, desde que dei acordo de mim mesmo.

Esse santuário exercia sobre mim um efeito que hoje vejo ser uma ação sobrenatural; mas eu pensava que aquela sensação decorria do aspecto do edifício, cuja composição de cores e formas parecia-me tão digna e recatada que era para mim a expressão da própria santidade.

“Queres um lugar aqui dentro?”

Não me custou perceber que Nosso Senhor Jesus Cristo, especificamente enquanto fazendo ver seu Coração aos homens, era a fonte infinita da qual emanava todo o bem. N’Ele se realizavam todas as

perfeições e maravilhas de alma possíveis, de um modo que eu jamais poderia ter imaginado! E, ao discernir o bom espírito que havia em todas as coisas da igreja, pensava: “Este ambiente é o reflexo d’Ele! A harmonia que encontro aqui é o próprio Deus. Ele é isso num grau supremo, extraordinário, perfeito e infinito”.

Às vezes, permanecia diante da imagem do Sagrado Coração de Jesus que existe num altar lateral da igreja. Via-O em pé, muito nobre e com um sorriso ligeiramente triste, mas imensamente convidativo, tocando com a mão no Coração e olhando para quem estava embaixo, como se dissesse: “Queres um lugar aqui dentro? Não Me aceitas? Olha que tesouro! Isto é para ti!”

Eu olhava e pensava: “Bem sei que se trata de uma imagem e não de um homem, mas as pessoas que construíram a igreja querem que

Deus seja visto assim e, por isso, representaram Nosso Senhor dessa forma. Ora, Deus, visto assim, é completo! Percebo que Ele é, de fato, assim.

“Que fisionomia! A beleza de que ouço falar por aí não vale nada! Se um dia eu quisesse analisar a ideia de formosura, viria aqui para olhar a fisionomia d’Ele, pois só Ele é bonito! Esse é o padrão: uma beleza de alma, mais do que de corpo. Mas, que corpo!... E, por detrás dele, que alma!... Que maravilha!

“Dado que essa imagem coincide de um modo inteiramente satisfatório com o ambiente da igreja e com o que me ensinaram sobre Nosso Senhor, olhando a sua fisionomia, suas mãos, seu traje, seus cabelos e seu gesto, terei uma ideia global a respeito d’Ele, que posso tornar mais precisa e mais rica em contornos, se examinar cada ponto. Sobre tudo seus divinos olhos e seu Sagrado Coração”.

Nosso Senhor vivo, acolhedor e afável

Começava, então, a fazer a análise psicológica d'Ele e assim O discernia. Hoje vejo o quanto eu “arquetipizava” a imagem por efeito da minha inocência, pois ela está realmente distante daquilo que a graça me fazia ver. Numa atitude de respeito e de adoração, eu compunha a mais alta das ideias que minha mente de criança podia formar. De maneira que, quando muito mais tarde conheci o Santo Sudário, exclamei: “É Ele!”

Posso dizer que aquilo que eu via na infância representava ainda mais fielmente a Nosso Senhor do que o próprio Santo Sudário, o que se compreende facilmente, pois este O mostra enquanto morto e vítima, e na imagem do Sagrado Coração Ele Se me apresentava vivo, acolhedor e afável. Eu via n'Ele algo de uma bondade insondável, e essa ideia era requintada pela impressão que me causava a cor vermelha de seu Coração.

Encantavam-me também, em Nosso Senhor, o asseio e as boas maneiras, expressas no feitio da sua face e ainda mais no seu corpo, que parecia emitir luz. Sua túnica dava-me a ideia de uma pessoa perpetuamente limpiíssima, sem mancha alguma na alma ou na própria indumentária. E havia no seu traje uma discreta bordadura dourada que me parecia indispensável à sua elevação. Sem ouro, Ele não teria reverenciado sua própria grandeza como devia. Essa consciência d'Ele a respeito da sua majestade me deixava encantado.

Eu me dizia: “Como Ele está em pé com distinção! Como o modo de segurar o Coração é o de uma pessoa bem-educada! Como a impostação da cabeça é de alguém que recebeu boa formação! Como a barba está bem-arranjada, sem faceirice! Que supremo aristocratismo natural nos cabelos! Tem-se a impressão de que Ele nem pensa nisso, mas não há

um cacho, nem um fio, que não estejam inteiramente no lugar apropriado, para dar uma ideia perfeita d'Ele mesmo!”

“Muita gente viveu em ambientes mais distintos dos que Ele frequentou. Mas... distinção é aquela! Os outros são todos insignificantes em comparação com Ele!”

E eu chegava à conclusão: “Como Ele é amigo da ordem universal! Como é coerente com essa ordem! Ele ama todas as coisas na sua ordenação própria e no mais belo aspecto que podem dar de si mesmas. E com quanto carinho! Ele gosta dessa rosa que foi posta em seu altar, assim como também gosta de mim que estou igualmente aos seus pés. Ele é afim com tudo o que é reto! A Igreja Católica é santa porque é como Ele; é um hífen entre Ele e nós; é a própria auréola que nimba a cabeça d'Ele, e por isto eu a amo! A influência, a mentalidade e a presença d'Ele estão neste ambiente”.

Essas graças foram de tal profundidade e alcance que não creio ter podido, naquela idade, conhecer d'Ele mais do que conheci.

“Aqui está o Plínio...”

Eu tinha a impressão de que Ele me olhava, não com os olhos de vidro de uma imagem sem vida, mas, de algum modo, comunicando a essa imagem certa expressão. Não sabia como definir esse olhar, nem me preocupa-

*“Como Ele é amigo da
ordem universal! Ele
ama todas as coisas
na sua ordenação
própria e no mais belo
aspecto que podem
dar de si mesmas”*



Imagem do Sagrado Coração de Jesus do santuário desta invocação, em São Paulo; na página anterior, Plínio aproximadamente no ano de 1919

va em fazê-lo, pois, por outro lado, achava ser talvez uma ilusão de minha parte, em vista da distância entre Ele e os homens. Como Ele chegaria a ter uma manifestação assim a meu favor?

De qualquer maneira, parecia-me que Ele realizava comigo o mesmo que eu fazia em relação a Ele: analisar. E eu imaginava que Ele me olhava pensando: “Aqui está o tal Plínio, o menino número ‘um trilhão quinhentos milhões e tanto’, de quem gosto e no qual Me comprazo em apreciar tais aspectos bons; de quem espero tal coisa. É uma criança boazinha, para a qual Me digno olhar com compaixão e com intenção de beneficiá-la. Uma vez que está aqui, tenho algo a dizer-lhe, do que ele deve tirar proveito”.

Eu já considerava isso muito mais do que eu merecia e, então, diante da atitude d’Ele, refletia: “É um Pastor e um Rei que empreendeu de me governar, e Ele quer absolutamente a minha docilidade às suas indicações. Dar-me-á conselhos e ordens, preparando-me o caminho para voltar até Ele”.

Eu refletia: “Antes de tudo, sinto-me elevado acima de mim mesmo, por ver a sua grandeza. De onde se abre em mim uma certa luz no cogitar e no ver, que me extasia, porque algo em mim é feito para admirar o que é mais do que eu. Quando saio das minhas ocupações normais de menino e vejo algo muito maior do que eu, tenho a impressão de fugir do bom para o ótimo! Ali eu me pohnho ‘na ponta dos pés’ e me alegro. Isto é: vejo-O como Ele é e O adoro.

“Eu noto que, enquanto O contemplo, Ele me faz como que ‘tocar com as mãos’ no pensar, no querer e no sentir d’Ele. E isso me comunica uma retidão e uma santidade no meu pensar, no meu querer e no meu sen-



Detalhe da imagem do Sagrado Coração de Jesus - Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Sabará (MG)

*Eu pensava:
“Quanta
intransigência!
Basta cometer
uma falta para
Ele ostentar o
Coração ferido...”*

tir, à maneira de uma bebida deliciosa que eu tomasse e me agradasse sobremaneira, mas ao mesmo tempo me corrigisse. Ou seja, adorando-O, vejo que os meus aspectos tortos e reprováveis endireitam-se e, com isso, Ele me cura de doenças cuja existência eu ignorava”.

Palavras interiores do Sagrado Coração de Jesus

Sua seriedade me impressionava muito, e eu percebia que Ele queria manifestá-la no modo de segurar o Coração, rodeado de espinhos e tendo uma chama em cujo centro havia uma cruz. Esse Coração, retirado do peito e colocado à mostra, dava-me a ideia de uma certa violência, o que era acentuado pela cor vermelha, apesar de esta ser muito bonita. Isso

me fazia lembrar da Paixão que Ele havia sofrido, e a carga desses símbolos tinha, para mim, o significado de uma pergunta feita por Ele: “Você se dá conta de que, em cada um dos seus atos maus, você feriu o meu Coração? Olhe como sou bom. Meça o mal que fez”.

E eu pensava: “Quanta intransigência! Basta cometer uma falta para Ele ostentar o Coração ferido... Quanta pureza e sabedoria! Ele, no fundo, está mostrando o que eu fiz... As suas mãos estão chagadas e eu tenho parte nisso. Os pés, aparecendo sob o traje, também o estão... As minhas falhas concorreram para esses ferimentos. Sinto que em mim há defeitos potenciais não reprimidos, em relação aos quais, por enquanto, não sou um alheio, pois não os rejeitei ainda.

“Também estou vendo bem tudo quanto há de mal em mim... Se eu não aplicar atenção nisso, estou perdido, pois não sei até onde decairei...” E concluía: “Como as coisas do homem tocam no infinito! Como é bonita a vida, ao considerar que cada pequeno fato tem relação com o Céu! Como tudo é grande!”

Essa era a primeira “mensagem” d’Ele para mim.

A segunda, porém, manifestava-se assim: “Entretanto, meu filho, Eu não lhe digo isso para perdê-lo, mas para perdô-lo, pois existe em Mim o manancial de um afeto mais suave que o veludo, mais ameno do que qualquer brisa do mar e capaz de inundá-lo inteiramente, até o mais íntimo de seu ser”.

E eu continuava refletindo: “Como é imensa a doçura d’Ele! Eu não seria capaz de medir sua grandeza, se não entendesse a dimensão dessa doçura! Sinto que Ele não quer cobrar algo de mim, nem castigar-me, nem vingarse, pondo o seu pé chagado mas ven-

cedor sobre minha cabeça desvairada e pecadora. Não! Ele quer dizer-me que está disposto a pagar o bem pelo mal, pois, apesar de tudo, tem pena de mim considerando a minha pequenez”.

Aquele corretivo era delicioso, mas eu percebia que me seria difícil manter essa postura interior e que, em certo momento, teria de sofrer e lutar muito. Mas, como criança, pensava: “Bem, ainda não chegou a hora! E isto é tão bom que deixarei esse problema para depois”. Eu tinha mais curiosidade em fixar minha atenção no que Deus estava me mostrando, do que em deduzir por mim mesmo a consequência futura daquilo.

Desejando a “consecratio mundi”

Entretanto, o meu desejo ia mais longe: eu queria morar n’Ele! E refletia: “Se pudesse estudar, rezar, conversar, enfim fazer tudo quanto faz um menino, aos pés da imagem do Sagrado Coração de Jesus, seria para mim uma explosão de alegria, pois sinto que Ele impregnaria tudo em mim e em torno de mim, inclusive os meus amigos”.

Poder-se-ia pensar que eu desejava permanecer rezando lá, abandonando as brincadeiras, a comedoria, o leito bom e o conforto. Não era assim! A minha ideia era a seguinte: “Como seria bom se Ele pudesse presidir toda a minha vida!”

Eu gostaria de trazer às escondidas um *éclair* e dizer a Ele: “Senhor, aqui está este doce, tão afim convosco. Eu vou me unir a Vós comendo-o e pensando em Vós. Abençoai este *éclair*!” Eu comeria aos pés d’Ele e ficaria contentíssimo! Depois diria: “Senhor, eu trouxe mais um... É de café, o *éclair* de minha preferência!”

E, se eu não pudesse permanecer ali, despedir-me-ia d’Ele assim: “Senhor, agradeço-Vos pela boa companhia que me fizestes!” E acho que não haveria nada de mau nisso. Ali

estava, em raiz, o desejo da *consecratio mundi* e da sacralização da ordem temporal.

“Minha alegria de viver”

Hoje percebo que a minha atitude nesses momentos era de verdadeira oração, entretanto não vocal.

Eu pensava sobre muitas coisas, encantando-me por ver que eram boas e relacionando-as implicitamente

A Igreja Católica é santa porque é como Ele; é um hífen entre Ele e nós; é a própria auréola que nimba a cabeça d’Ele, e por isto eu a amo!

te com o Sagrado Coração de Jesus, o que constituía, portanto, uma meditação profundamente religiosa.

Nessas horas de silêncio, eu tinha uma paz e um contentamento muito intenso em sentir a minha virtude e minha união com Ele. E essa era a minha alegria de viver! Se alguém me afirmasse com provas de evidência que o Sagrado Coração de Jesus não existia, eu era capaz de ter uma convulsão e morrer. Pois se Ele não fosse verdadeiro, eu me desagregaria e não seria mais eu mesmo! ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de:
Notas Autobiográficas.
São Paulo: Retornarei,
2008, v.I, p.502-518

¹ Atual Santuário do Sagrado Coração de Jesus, localizado no Bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo.



Altar-mor do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo

SANTA GERMANA COUSIN



Francisco Lecaros

“A Santa que precisávamos”

O corpo perfeitamente intacto décadas após a morte, os contínuos milagres e a acendrada devoção dos fiéis demonstraram o empenho do Altíssimo em defender uma causa que era só sua!



Ir. Maria Teresa Ribeiro Matos, EP

As janelas altas e estreitas, as torres largas e a fachada meio amuralhada davam um aspecto de fortaleza à pequena igreja medieval de Santa Maria Madalena, no povoado francês de Pibrac.

O vilarejo não distava mais que alguns quilômetros da grande e desenvolvida cidade que dominava o sul da França e que muita fama acumulara ao longo dos séculos: Toulouse. Entre os inúmeros feitos que compunham a sua história, ela contemplara a partida para a Primeira Cruzada de seu conde, o não pouco ambicioso Raimundo IV; assistira aos inumeráveis golpes desferidos nas suas redondezas pela espada de Simão de Montfort em luta contra a heresia cátara; e mais recentemente também fora palco de sangrentas batalhas entre católicos e protestantes huguenotes.

Contudo, esses episódios – e muitíssimos outros – pouco influenciavam a vida simples e campestre dos habitantes de Pibrac. O gado, as dificuldades climáticas com as planta-

ções e, às vezes, a guerra tomavam por completo aquela gente. Uma existência digna e piedosa apoiada em trabalho honesto era tudo o que almejavam. Até que, numa tarde do ano 1644, um acontecimento veio modificar a rotina do povoado e, mais tarde, torná-lo conhecido até os confins do mundo católico.

Uma insigne descoberta

Guillaume Cassé trabalha com ardor no piso da igreja de Pibrac para remover uma grossa laje. Falecera uma piedosa paroquiana e seus familiares desejam que o corpo repouse no recinto sagrado à espera da ressurreição final. Após numerosas batidas e muito esforço, o coveiro finca novamente a picareta, fazendo-a penetrar fundo e desprender a pedra do solo.

Subitamente, um grito de assombro se faz ouvir, atraindo todos os circunstantes para junto da abertura. Algo ao mesmo tempo prodigioso e assustador contemplam: o corpo de uma donzela ali jaz em perfeito estado. Tão viva parece estar que todos

percebem a marca vermelha que a picareta de Guillaume lhe deixou no rosto. Que milagre!

A notícia logo se espalha pelo povoado e todos acorrem curiosos. Quem seria aquela Santa nascida em seu meio, mas de cuja virtude sequer tinham se dado conta? Por fim, alguns mais experientes e avançados em idade a reconhecem: é Germana Cousin, a pobre pastorinha escrofulosa que falecera havia mais de quarenta anos.

Mesmo sem saber muito como ela vivera ou o que fizera, o povo a retirou do solo e passou a venerá-la numa lateral do templo, não tendo a menor dúvida de que tanta paz, serenidade e jovialidade só podiam emanar de um corpo cuja alma estivesse bem próxima de Deus e da Santíssima Virgem.

Mas, afinal, quem era aquela jovem tão atraente quanto desconhecida?

Contemplação em meio à dor

A História não registra com segurança o nome dos pais de Germana,

mas sabe-se que ela pertencia à família Cousin, proprietária de uma fazenda em Pibrac.

Além do braço direito atrofiado, cuja deformação se constatava no angelical corpo, Germana padecera uma terrível doença, a escrofulose. À época, essa enfermidade era incurável e, por ser contagiosa, trazia para a menina, ademais do sofrimento físico, o desprezo e o trato desumano por parte de sua madrastra.

Entre as humilhações que esta lhe infligia, estava a proibição de aproximar-se da mesa da família e a sujeição a dormir num canto do corredor ou mesmo na estrebaria, de onde devia sair bem cedo para passar o dia no campo a guardar o rebanho. Era este o único ofício para o qual a julgaram capaz e que ajudava, ademais, a mantê-la afastada de casa. Nos meses de frio ou de calor vestia sempre a mesma roupa, e lhe davam para levar como alimento apenas um pedaço de pão.

Durante todo o dia, Germana conduzia o rebanho pela floresta de Bouconne ou pelas pradarias próximas à aldeia, velando para que nenhuma ovelha se extraviasse ou fosse atacada pelos lobos. Quem se encontrasse com ela nesses momentos não podia fazer ideia de tudo quanto sofria. Sempre alegre, elevada e generosa, a pastorinha não passava suas horas de solidão pensando nas tristezas e dificuldades da vida. Afastada das agitações do mundo, da ebulção das paixões e das ambições humanas, aproveitava para contemplar as maravilhas da criação que tão bem refletiam a Deus e sua Mãe, à qual a jovem devotava especial carinho.

Entretanto, não raras eram as jornadas que terminavam em surras e

castigos por parte de sua madrastra, que descarregava seu mau humor sobre a inocente menina.

Jamais perdia um momento de convívio com Jesus e Maria

Se os habitantes de Pibrac pouco viam Germana e quase nada conheciam dos seus afazeres, em um lugar era certo que poderiam encontrá-la diariamente: a igreja paroquial. Ao ouvir os sinos chamando os fiéis para junto de Deus, a pastora encomendava o rebanho a algum conhecido – e, quando não encontrava quem lhe prestasse esse auxílio, confiava as ovelhas a seus companheiros celestes – e dirigia-se sem tardar à celebração da Eucaristia.

Mesmo sem estudos, a menina sabia discernir o valor infinito do Santíssimo Sacramento, não achando nenhum motivo suficientemente válido para perder aquela hora de convívio com seu Divino Modelo, ali presente em Corpo, Sangue, Alma e Divindade. E alegrava-se em poder recebê-Lo em todas as festas.

Também era sagrada na rotina da pastorinha a hora do *Angelus*, que soava no campanário. Onde e como se encontrasse, ela interrompia o que estivesse fazendo, punha-se de joelhos e recitava a oração, venerando o momento auge em que Maria dis-

se “sim” e o plano de Deus se realizava na História. Não hesitou mesmo, certa vez, em ajoelhar-se em meio às águas de um rio ao ouvir o toque durante a travessia, ou a sujar-se no barro por estar passando num lugar pantanoso.

Outro forte elemento da piedade de Germana era a recitação do Rosário, pelo qual cresceu na intimidade com Aquela que é o Paraíso de Deus. Desse convívio tirava as forças necessárias para enfrentar com galhardia, confiança e espírito sobrenatural sua difícil existência e fazer dela um instrumento de combate para o próprio Deus.

Se, ao abrir a maçaneta de uma porta, a Santíssima Virgem dava mais glória a Deus do que um mártir em seus tormentos, quanto não poderiam valer as doenças, os trabalhos, o isolamento e os maus-tratos que Germana sofria, unidos aos méritos de Maria?

Essa era a razão da constante serenidade e alegria que a juvenzinha comunicava, levando o esquecimento de si até o heroísmo. Em certa ocasião, notando-a ainda mais débil e sem forças, souberam que naquela semana privara-se de seu único pedaço de pão para destiná-lo a um pobre homem desfalecido de fome, com o qual se encontrara no caminho.



Sempre alegre, elevada e generosa, a pastorinha não passava suas horas de solidão pensando nas tristezas e dificuldades da vida

Casa de Santa Germana Cousin, Pibrac (França); na página anterior, Santa Germana - Igreja de São Bartolomeu, Laàs (França)

A correnteza amainada

Embora o povo de Pibrac não lhe desse atenção, a família a desprezasse e ninguém reconhecesse suas virtudes, sem dúvida muitos sentiam, no fundo da alma, que aquela pastorinha representava algo superior, mais próprio ao Céu do que à terra. Não faltaram testemunhas disso no seu processo de canonização, havendo inclusive relatos de fatos milagrosos ocorridos com a menina.

Por exemplo, aproximava-se ela em certa ocasião do Rio Courbet, que sempre atravessava para chegar à igreja. Naquele dia, porém, a chuva tinha sido intensa e a correnteza era forte. Sem titubear, Germana avançou em direção às águas, que se amainaram permitindo-lhe passar tranquilamente.

Também houve quem atestasse milagre semelhante ao ocorrido com Santa Isabel da Hungria: em pleno inverno, Germana saiu de casa levando restos de pão para os pobres, ocultos no avental. Percebendo o volume que a jovemzinha carregava, a madrastra correu furiosa atrás dela e abriu-lhe à força o tecido, fazendo cair ao solo inúmeras flores...

Apagada aos olhos dos homens, mas preciosa diante de Deus

No sofrimento e apagamento, com a saúde debilitando-se cada vez mais, a pastora atingia seus vinte e dois anos.

Ora, certa manhã, provavelmente no ano 1601, o rebanho não saiu para as pastagens. O que sucedera? Entraram no estábulo e viram que a alma de Germana subira para a eternidade tão serenamente quanto vivera; apenas seu corpo permanecia deitado em meio às ovelhas. E só por elas seria venerado, se o Altíssimo não quisesse

revelar à História a grandeza dessa alma escondida aos olhos dos homens, “mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus” (I Pd 2, 4).

Nenhuma palavra saída dos lábios de Germana ficou registrada, mas ela ensinou ao mundo inteiro como o verdadeiro valor, glória e sucesso são aqueles conquistados diante de Deus. O corpo mantido intacto, os inúmeros milagres e a contínua devoção dos fiéis demonstram o empenho do Altíssimo em defender uma causa que era somente sua!

Num século assolado pelos erros de pseudorreformadores e constantes guerras contra a Santa Igreja, a existência de Germana bem pode ser considerada uma reparação ao Coração Divino. Sua fé na Presença Real na Eucaristia e a ardente devoção mariana firmavam os pontos mais atacados pelos hereges; sua submissão incondicional e seu apagamento contrapunham-se à rebeldia contra a autoridade papal.



Suspeitando que Germana levava pães aos pobres, a madrastra abriu-lhe o avental, do qual caíram flores...

Santa Germana - Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Caussade (França)

Regando tais virtudes com o contínuo oferecimento de suas dores, Germana não só apresentava a Deus um desagravo pelas afrontas dos homens, como também atenuava os males que esses mesmos desregramentos atraíam sobre o mundo.

Longa espera para a glorificação

Após a descoberta do corpo de Germana, o Pe. Sounilhac, pároco da Igreja de Santa Maria Madalena de Pibrac, mandou que o depositassem num sarcófago simples e o deixassem na lateral do templo, pois o povo não se afastava daquela que já considerava sua Santa. Mas logo os milagres começaram e a fama de Germana ultrapassou os limites do povoado...

Receoso de transgredir a proibição de Roma de render culto oficial a um falecido antes da aprovação eclesiástica, o cura transferiu o corpo para a sacristia. Continuava, porém, a receber os milhares de peregrinos e a registrar com cuidado, diante do tabelião, os milagres alcançados.

Entretanto, as autoridades não participavam da mesma pressa e entusiasmo dos devotos em promover a glorificação de Germana.

Somente em 1661 o Cônego Dufour, Vigário-Geral da Arquidiocese de Toulouse, vai a Pibrac a fim de tomar contato com essa realidade sobrenatural. Abre o caixão e imediatamente comprova o milagre; manda levantar a pedra sob a qual Germana estivera enterrada, para verificar as condições do solo, e da defunta paroquiana que ocupou o lugar da Santa só encontra pó...

Não resta a menor dúvida: aquele corpo incorrupto é obra divina. Fecha a urna com grossos cadeados, manda colocá-la a uma altura fora do alcance dos fiéis e despede-se, lembrando as

normas de Roma e prometendo abrir uma comissão para preparar o processo diocesano, com vistas à canonização.

Em 1680 dirigem-se até a igreja os comendadores da Ordem de Malta, sob cujos cuidados se encontrava aquele templo, desejosos de ver o prodígio. Admirados, comprovam eles que o corpo da pastorinha se encontrava “inteiro, parecendo ainda de carne, com flexibilidade em todos os seus membros, quando segurados e movidos”.¹

Afinal, a canonização!

Entretanto, passam-se trinta e cinco anos desde a visita do vigário, e não se ouve qualquer notícia dele... O povo, cada vez mais beneficiado pela santa pastora, não desiste. Envia então o próprio alcaide de Pibrac, Jacques de Lespinasse, para rogar ao Arcebispo de Toulouse, Dom Colbert, que fizesse algo para o reconhecimento da glória de Germana Cousin.

Após alguns anos de espera, o prelado acede e encarrega o Pe. Morel de iniciar o processo. Em 1700, com uma solene Missa, à qual acorre uma multidão de devotos, esse sacerdote abre novamente a urna e contempla o prodígio. A seguir, escuta as numerosas narrações de milagres alcançados por intermédio da humilde pastorinha, ouve o parecer de médicos e especialistas e, por fim, recolhe também o testemunho de Françoise Pères, senhora de setenta e sete anos que, quando menina, presenciara a descoberta do corpo e ouvira o relato daqueles que haviam conhecido Germana e atestado a santidade de sua vida.

Estando tudo arquivado, o Pe. Morel encaminha o dossiê a Roma através de um padre capuchinho. Décadas se passam e não recebem resposta alguma... O que aconteceu? Só muito mais tarde se soube que o material se perdera e nunca



Ela ensinou a todos que o verdadeiro valor, glória e sucesso são aqueles conquistados diante de Deus

Santa Germana - Paróquia de São Nicolau, Châteaubriant (França)

chegou ao destino. Foi preciso travar ainda muitas batalhas para, no século XIX, Gregório XVI retomar o processo e Pio IX concluí-lo com a solene canonização em 1867.

Exemplo para os nossos dias

No prolongado período que antecedeu a glorificação terrena da Santa, Deus não Se cansou de revelar ao mundo, através de incessantes prodígios, o valor de sua alma generosa e abnegada. E os maus compreendiam bem isso. Tendo explodido a Revolução Francesa, o Comité de Salut Publique mandou lançar aquele corpo virginal e luminoso numa fossa de cal.

Por que a Revolução, que se intitulava defensora dos direitos do povo, não fez daquela pastora pobre, doente e excluída, um ídolo seu? Porque, antes de tudo, Germana havia

lutado e vencido num campo muito mais sublime que o das questões sociais: junto ao Coração de Deus!

É nesse sentido que dela comenta Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, apontando-a como modelo para nós: “O católico de nossos dias deve ser altivo, batalhador, cômico de seu valor, não esquecendo, porém, de representar perante seu século as virtudes de Santa Germana Cousin. Muitas vezes negado, malvisto, isolado e perseguido, ele vê constituírem-se em torno de si as inimizades mais gratuitas, enquanto desfazem-se as mais fundadas amizades. Ele tem de lutar de peito aberto contra as potências de sua época, remando contra a maré montante dos vícios e desvios de seu tempo. Não raras vezes torna-se objeto de desprezo, senão de ódio. [...] Entretanto, quando a glória de Deus é tocada, devemos defendê-la como leões. E ao tratar-se de problemas do amor-próprio ou de reivindicações pessoais, devemos ser mansos como cordeiros. Teremos imitado, então, a nosso modo, as virtudes de Santa Germana, ora inclinando a cabeça perante as humilhações, ora defendendo a glória de Deus como guerreiros”.²

Concluimos, assim, quão oportuna é, também para o nosso conturbado século XXI, a exclamação saída dos lábios do Papa Gregório XVI ao tomar contato com os documentos para a beatificação da pastorinha de Pibrac: “É a Santa que precisávamos”.³ ✧

¹ RICHOMME, Agnès. *Sainte Germaine de Pibrac*. Paris: Fleurus, 1967, [s.p.].

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Santa Germana Cousin. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XIII. N.147. (jun., 2010); p.14-15.

³ VEUILLLOT, Louis. *Sainte Germaine Cousin*. 3.ed. Paris: Victor Lecoffre, 1904, p.173.

O “Poema à Virgem”: lavra de ouro do Apóstolo do Brasil

Cercado de mil perigos, o jovem missionário afervorou sua devoção a Nossa Senhora. E prometeu escrever em versos a vida da Mãe de Deus, se Ela o conservasse em sua pureza.

Francisco de Assis Silveira Leite Esmeraldo



Timothy Ring

A origem do *Poema à Virgem* está ligada a um dos heróicos episódios da História da nação brasileira, no qual transparecem reunidos o espírito de fé, a confiança na Providência, a fortaleza de alma e o fino tato diplomático de São José de Anchieta, admirável homem de Deus.

Arriscada embaixada junto aos tamoios

Desde os primeiros anos da fundação de Piratininga na capitania de São Vicente, vinham os índios tamoios hostilizando as povoações portuguesas, confederadas com os tupis do sertão. O ataque se tornou quase incessante em 1559, quando os tamoios se aliaram aos franceses estabelecidos no Rio de Janeiro. Vencidos por Mem de Sá em 1560, estes instigaram os aborígenes a uma insurreição geral, que ameaçava arrasar completamente

a colonização portuguesa na região e, com ela, a Fé Católica.

O Pe. Manoel da Nóbrega e o Ir. José de Anchieta,¹ partindo como embaixadores de paz em maio de 1563, chegaram às praias de Iperoig, atual Ubatuba. Ali passaram meses de contínua incerteza entre a vida e a morte, no meio dos tamoios, sem conseguir promover nenhum acordo.

Quando se sentia cansado, o jovem jesuíta passeava pela praia, compondo na areia, em versos latinos, a vida da Santíssima Virgem

Nesse íterim, o Pe. Nóbrega foi chamado a São Vicente, onde sua presença se fazia muito necessária.

Por mais que lhe custasse ver o venerável superior partir em tal conjuntura, Anchieta preferiu o bem comum ao seu privado, oferecendo-se de bom grado a ficar entre os inimigos, até que aprovesse a Deus abrandar-lhes o coração e fazer com que chegassem a uma conciliação.

Uma promessa à Virgem Santíssima

Sozinho em meio a uma gente perversa, o Ir. José viveu todo esse tempo como um lírio entre os espinhos. A convivência com os nativos – que para qualquer outro teria sido funesta – lhe serviu para robustecer e dar novo brilho à sua virtude.

Para um jovem na flor da idade, bem espinhoso era estar cercado de mil ocasiões de pecado, incontáveis

perigos e escândalos de toda sorte; e, de mais a mais, privado dos Sacramentos, sem um bom livro para ler nem um diretor espiritual que o sustentasse. Redobrou, pois, a vigilância sobre si mesmo, sufocando prontamente o menor movimento da natureza que pudesse debilitar a virtude.

Afervorou a devoção para com Nossa Senhora, confiando-Lhe de modo especial a guarda de seu coração e sua pureza. E prometeu escrever a vida da Mãe de Deus em versos, se Ela o ajudasse a sair da situação em que se achava, sem mancha alguma que obscurecesse o alvo lírio da castidade.

Impresso na areia e na memória

Quando se sentia esgotado pelo cansaço, o jovem jesuíta repousava passeando pela praia, e ali punha-se a cumprir sua promessa, compondo na areia, em versos latinos, a vida da Santíssima Virgem.

Quem lê as tocantes alegorias, símbolos e figuras extraídas das Sagradas Escrituras e dos Santos Padres, de que está recheado o poema, não sabe o que mais admirar: se a piedosa unção do autor, se o seu gênio, erudição e doutrina, que assim deixou consignados para louvor da Rainha do Universo e edificação na fé das gerações futuras.

O quanto tal composição foi agradável aos Céus, bem se deduz das narrações de testemunhas oculares que afirmam ter visto muitas vezes um formoso passarinho, de linda e variada cor, a esvoaçar em torno de Anchieta enquanto ele fazia seu poema, e pousar-lhe ora nos ombros, ora na cabeça, ora nas mãos.²

De sua parte, a Virgem foi fiel ao compromisso, guardando-lhe intacta a pureza de alma e a própria vida, mesmo quando na praia ensolarada os terríveis canibais faziam soar aos ouvidos do missionário a frase ameaçadora: “Farta-te de ver o sol, porque em breve te havemos de matar

e comer”. Ao que ele respondia com brandura: “Não me haveis de matar; ainda não chegou a minha hora”.³

Conversão conquistada pela doçura

Tal foi o comportamento do Santo durante os três meses em que permaneceu só entre os selvagens. A suavidade do trato e a retidão de seus costumes ilibados acabaram por conquistar-lhes o coração, de tal maneira que, afinal, pôde-se concluir a paz, tão satisfatória para ambas as partes.

Depois de publicamente render ações de graças a Deus por tão assinalado benefício, dispôs-se a partir para São Vicente, o que muito lhe custou, pois não podia esquecer-se dos favores que ali recebera da Providência. Como São João na Ilha de Patmos, ele amava aquele local que, de terra de exílio, se lhe tornara pátria querida. Via, ademais, que os povos nativos eram fáceis de civilizar, bastando para isso habilidade e verdadeiro espírito apostólico. Dilacerava-lhe o coração deixar uma região onde tanto bem restava por fazer.

De outro lado, os próprios índios opunham-se a que ele os deixasse, pois tendo mudado de atitude, pareciam ter-lhe agora um entranhado amor. Já não poderiam suportar a ausência do homem de Deus que tanto os tinha assistido, consolado e socorrido em suas aflições. Heroica foi a sua partida, mas a santa obediência o chamava e ele não hesitou.⁴

Finalmente, a 21 de setembro de 1563, depois de quase cinco meses afastado, entrava Anchieta em São Vicente para abrir o tesouro precioso de sua memória e dar ao mundo as pérolas de inestimável valor do poema de quase seis mil versos que lavrara nas areias de Iperoig.

O poema

A título de amostragem, apresentamos alguns trechos do célebre *Poema à Virgem*. Abaixo segue o ofere-

cimento, cuja clave sublime perpassa de início a fim toda a peça literária:

“Cantar ou calar? / Mãe Santíssima de Jesus, os teus louvores / hei de os cantar ou hei de os calar? / A mente alvoroçada / sente-se impelida pelo aguilhão do amor / a oferecer a sua Rainha uns versos...

“Mas receia com a língua impura / decantar tuas glórias: / inúmeras culpas carregam-na de manchas. / Como ousará mundana língua enaltecer / A que encerrou no seio o Onipotente?”⁵

Séculos antes da definição dogmática da Imaculada Conceição e



Reprodução

São José de Anchieta, por Benedito Calixto - Museu Paulista da USP São Paulo; na página anterior, O poema à Virgem Maria, por Benedito Calixto - Museu Anchieta, São Paulo

*Anchieta viveu
como um lírio
entre os espinhos.
A convivência com
os nativos serviu
para dar novo brilho
à sua virtude*

tendo como testemunhas apenas os Anjos e os inquietantes olhares de feroces índios, assim se exprimia o cantor da Imaculada, nas areias da Terra de Santa Cruz:

“Concebida em seio materno, como todos nós, / só tu, ó Virgem, foste livre do labéu / que mancha os outros todos, / e esmagas ao calcanhar / a cabeça do enroscado dragão, / retendo sob as plantas sua fronte humilhada. / Toda bela de alvura e luz, / não houve sombra em Ti, doce amiga de Deus!”⁶

E tomado de zelo pela ortodoxia, contra a insolência da heresia calvinista que atacou a virgindade perpétua da Rainha Celeste, ele proclama:

“Como não pode enxergar os raios da divina luz, / donde flui o brilho de teu corpo e de tua alma, / rouba-Te a honra da perpétua virgindade [...]. / Com negro coração roído pela lepra, / Te atira setas envenenadas em fel de víbora. / Monstro, por que te inchas, / com a inveja da antiga Serpente? / Por que roís com loucos dentes / a beleza da Virgem Mãe? [...] / Ousaste, venenosa cobra, / tocar, com essa tua maldita língua, / o leito alvíssimo do eterno Deus?”⁷

Com uma breve dedicação termina o poema num brado de amor à Virgem, no desejo ardente do martírio e em nobilíssimo sentimento de humildade:

“Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima, / Te prometi em voto, / vendo-me cercado de feros inimigos. / Enquanto, entre os tamiois conjurados, / pobre refém, tratava as suspiradas pazes, / tua graça me acolheu / em teu materno manto / e teu véu me velou intactos

“Em Anchieta, brotara uma flor de virtude: é a mansidão suave, ligada à energia serena, mas inexorável”



Evangelho nas Selvas, por Benedito Calixto
Pinacoteca do Estado de São Paulo

corpo e alma. / A inspiração do Céu, / eu muitas vezes desejei penar / e cruelmente expirar em duros ferros. / Mas sofreram merecida repulsa meus desejos: / só a heróis / compete tanta glória!”⁸

Flor semeada por todo o Brasil

Enaltecendo as virtudes do Apóstolo do Brasil, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira afirmava solenemente na Assembleia Nacional Constituinte de 1934:

“Em Anchieta, *vas electionis*,⁹ brotara uma flor de virtude, e esta flor, ele a semeou por todo o Brasil: é a mansidão suave, ligada à energia serena, mas inexorável, que é o eixo de nossa alma”.¹⁰

Peçamos confiantes que, a rogos deste incomparável herói da Fé, a Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil, nos obtenha, na atual encruzilhada histórica por que passa a nação, graças extraordinárias para que nosso país seja, de fato, a Terra de Santa Cruz com a qual sonharam seus fundadores, cujo futuro grandioso foi profetizado por São José de Anchieta na epopeia *A gesta de Mem de Sá*: “Quando os povos brasis observarem a doutrina de Cristo, instaurar-se-á por séculos neste mundo austral a idade de ouro!”¹¹ ✧

¹ São José de Anchieta foi ordenado sacerdote três anos depois, em 6 de junho de 1566, na Catedral de Salvador.

² Cf. SAINTE-FOY, Charles. *Vida do Venerável Pe. José de Anchieta*. São Paulo: Jorge Seckler, 1878, p.43-47.

³ VIEIRA, Celso. *Anchieta*. 3.ed. São Paulo: Compa-

nhia Editorial Nacional, 1949, p.210.

⁴ Cf. SAINTE-FOY, op. cit., p.47-48.

⁵ SÃO JOSÉ DE ANCHIETA. *Sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1996, p.57.

⁶ Idem, p.59.

⁷ Idem, p.140-141.

⁸ Idem, p.340.

⁹ Do latim: vaso de eleição (cf. At 9, 15).

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. 98ª Sessão, em 19 de março de 1934. In: *Opera Omnia. Reedição de escritos, pronunciamentos e obras*. São Paulo: Retornarei, 2009, v.II, p.63.

¹¹ SÃO JOSÉ DE ANCHIETA. *De gestis Mendi de Saa*, apud VIOTTI, SJ, Hélio Abranches. *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1980, p.237.

¹² SÃO JOSÉ DE ANCHIETA, *Sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*, op. cit., p.278-279.

Hino de amor à Divina Chaga

Em seu “Poema à Virgem”, São José de Anchieta dedica alguns versos ao Sagrado Coração de Jesus, ferido de amor pela salvação dos homens. Precedia assim

a Santa Margarida Maria Alacoque, que no século seguinte receberia do próprio Salvador a missão de espalhar essa devoção pelo mundo.

Ó chaga sagrada, não foi o ferro de uma lança que te abriu mas sim o apaixonado amor que ao nosso amor tinha Jesus foi quem te abriu!

Ó caudal que borbulhou no seio do Paraíso, de tuas águas se embebe e fertiliza a terra!

Ó estrada real, porta cravejada do Céu, torre de refúgio, abrigo da esperança!

Ó rosa a trescalar o perfume divino da virtude! Pedra preciosa com que o pobre compra um trono no Céu!

Ninho em que as cândidas pombinhas depositam seus ovinhos, em que a rola casta alimenta seus filhotes.

Ó chaga vermelha, que reverberas de imensa formosura e feres de amor os corações amigos!

Ó ferida que abriste com a lança do amor, através do peito divinal, estrada larga para o Coração de Cristo!

Prova de inaudito amor com que Ele a Si nos estreitou: porto a que se acolhe a barca na procela!



João Paulo Rodrigues

Sagrado Coração de Jesus
Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)

A ti recorrem os perseguidos do inimigo fero, medicina pronta a toda a enfermidade!

Em ti vai ser ver consolação o triste e arrancar do peito opresso a carga da tristeza.

Não será frustrada a esperança do pobre réu que, depondo o temor, entra nos palácios do Paraíso, por tua via.

Ó morada da paz! Ó veio perene da água viva que jorra para a vida eterna!

Só em Ti, ó Mãe, foi rasgada esta ferida, só Tu a sofres, somente Tu a podes franquear.

Deixa-me entrar no peito aberto pelo ferro e ir morar no Coração de meu Senhor; por esta estrada chegarei até às entranhas deste amor piedoso; aí farei o meu descanso, minha eterna morada.

Aí afundarei os meus delitos no rio de seu Sangue, e lavarei as torpezas de minha alma, nesta água cristalina. Nesta morada, neste remanso, o resto de meus dias, quão suave será viver, aí, por fim, morrer!¹²

Amparo, proteção e segurança

Gratos pelos inúmeros benefícios recebidos, muitos desejam externar o enorme contentamento que sentem por encontrar uma mãe que, da eternidade, lhes tem guiado, amparado e protegido.



Elizabete Fátima Talarico Astorino

A incomparável bondade de Da. Lucilia para com aqueles que lhe dirigem súplicas, bem podem ser aplicadas as palavras do salmista: “Ainda que passe pelo vale tenebroso, nenhum mal temerei” (Sl 22, 4), pois sob seu maternal xale encontram eles amparo, proteção e segurança (cf. Sl 70, 3).

Sim, jeitosamente Da. Lucilia tem livrado de apuros seus fiéis devotos, conduzindo-os por caminhos retos e restaurando-lhes as forças nos inúmeros sofrimentos e dificuldades da vida.

“Pela intercessão dela estamos aqui”

De Recife (PE) escreve-nos Da. Ana Karina Bueno, a fim de relatar a cura de uma enfermidade, alcançada por intermédio de Da. Lucilia:

“Estive com minha médica para fazer os exames de rotina e, na ultrassonografia, apresentou-se um aumento em um dos ovários. O que era para ser de

seis centímetros cúbicos estava com quarenta centímetros cúbicos. A médica, desconfiando da ultrassonografia por não ser um exame de tanta precisão, pediu uma ressonância magnética com contraste feita em outro laboratório de maior confiabilidade. O resultado não só confirmou o primeiro, como também indicou que se tratava de um aumento para sessenta centímetros cúbicos. Ou seja, estava dez vezes maior que o normal.

“A médica me encaminhou para um cirurgião, que me falou da necessidade de tirar esse ovário e talvez até o útero, dependendo de como estivesse na hora da cirurgia”.

Enquanto realizava os exames pré-operatórios, Da. Ana fez uma rápida viagem a São Paulo, durante a qual teve a oportunidade de visitar uma das casas do Arautos e conversar com um sacerdote da instituição:

“Contamos todo o acontecido, pedimos uma bênção, e ele no mesmo instante a concedeu, pedindo a intercessão de Da. Lucilia”.

Ao voltar para Recife e concluir os exames pré-operatórios, foi marcado o procedimento cirúrgico de Da. Ana:

“Fui para a cirurgia pedindo que ela, Da. Lucilia, estivesse comigo. E,



Da. Ana Karina Bueno e sua filha

“A médica ficou sem saber o que dizer quando viu a filmagem da cirurgia; disse-me que não sabia como explicar tal fato”

para a surpresa de todos – maior ainda do médico, que não entendeu nada –, não havia alteração alguma no meu ovário. Estava no tamanho normal, e eu poderia engravidar novamente se quisesse”.

Admirada, Da. Ana levou a filmagem da cirurgia à médica que antes lhe atendera, a fim de informa-lhe do ocorrido:

“A médica ficou sem saber o que dizer quando viu o vídeo, pois achava que eu queria satisfações. Disse-me que não tinha como explicar tal fato”.

Reconhecedora do enorme favor prestado por Da. Lucília, Da. Ana afirma: “Eu sabia perfeitamente e não tive dúvida de que fui curada na bênção que recebi. Pela intercessão dela estamos aqui e tenho fé de que ela estará me ajudando novamente para que meu bebê esteja com toda a saúde”.

“Comecei uma novena a Da. Lucília”

Tendo conhecimento dos incontáveis benefícios alcançados por intermédio de Da. Lucília, Jorge Nunes, de Xangri-Lá (RS), também recorreu a ela, pedindo que ajudasse seu filho a vencer certa dificuldade que o impedia de continuar o treinamento após passar no concurso do Corpo de Bombeiros:

“Nas provas físicas ele não conseguia realizar as ‘barras’ por ter aparecido um problema muscular. Mas, feito o exame médico, este não acusava nenhuma anomalia. Comecei uma novena a Da. Lucília, rezando uma Ave-Maria diariamente. Então ele encontrou um especialista que indicou um tratamento possível para o desconforto.



Fotos: Reprodução

Sr. Jorge Nunes e sua família; em destaque, seu filho, Sr. Miguel Dias Nunes

“Após a novena a Da. Lucília, meu filho conseguiu realizar os exercícios e formou-se no dia 20 de novembro”

“A partir daí meu filho conseguiu realizar o exercício além do mínimo exigido. Passou por todas as etapas e formou-se no dia 20 de novembro, data até a qual mantive as orações. A partir dali mudei a intenção para o agradecimento”.

Amor maternal, que lhe devolveu a paz e a vida

Também Flávia Emília Duarte, de Campo Grande (MS), escreve-nos a fim de demonstrar sua gratidão pelo amparo recebido de Da. Lucília, durante um período atribulado de sua vida:

“Há alguns anos, em meio a crises de enxaqueca, dores no peito, formigamento nos braços e várias passagens no pronto-socorro, fui

diagnosticada com esgotamento físico seguido de esgotamento mental. Em um primeiro momento, procuramos um tratamento psicológico; porém, as crises continuavam. Tinha muito medo de enlouquecer. Os sintomas bombardeavam o meu corpo e, sobretudo, a mente.

“Meses depois dei início ao tratamento psiquiátrico. O diagnóstico era depressão e síndrome do pânico. Comecei então a tomar os medicamentos. Tinha dias bons, seguidos de dias ruins. Os remédios amenizavam os sintomas, mas não impediam as crises.

“Passado um ano, estava com uma viagem marcada para São Paulo – nossa família iria participar da romaria a Aparecida, com os Atrios do Evangelho –, quando uma crise muito forte de pânico me fez novamente parar no hospital. Sentia meu corpo todo formigar, a consciência chegava a me faltar, conseguir respirar era praticamente impossível. Recitaram-me outro ansiolítico, e resolvemos seguir com a ideia da viagem”.

Durante o percurso, Da. Flávia recebeu uma fotografia de Da. Lucília e, encantada com aquele olhar bondoso que tanta paz lhe trazia, decidiu recorrer à sua intercessão:

“Ao retornarmos a casa, depois de mais um dia dos terríveis sintomas, resolvi pegar aquele pequeno retrato e recorrer à ajuda a Da. Lucília. Pedi que parasse a ‘sensação de não saber respirar’; poderia continuar com os outros sintomas, mas este era o pior de todos, tirava a minha paz! Coloquei a foto embaixo do meu travesseiro e, qual não foi minha surpresa ao acordar e perceber que aquele desconforto havia desaparecido. Passaram-se os dias e nenhum dos sintomas se manifestaram, estava curada! Parei então com os medicamentos e hoje levo uma vida normal, graças ao amor maternal daquela senhora que me devolveu a paz e a vida”.

Inesperados obstáculos em plena efetivação de uma venda

A família de Da. Maria Baghdikian, de São Paulo (SP), encontrava-se numa delicada situação financeira quando resolveu vender um imóvel recebido em herança. Um inesperado percalço, porém, veio a ameaçar o êxito do negócio:

“Conseguimos um comprador, sob o compromisso de entregar-lhe o imóvel, totalmente desocupado, no prazo de três meses. A parte térrea do imóvel encontrava-se ocupada por nós. Já a parte superior estava alugada para uma pessoa que, desde o início da locação, sabia de nossa intenção de vendê-lo. Esse inquilino, com o qual tínhamos um antigo relacionamento de boa confiança, assumira o compromisso de desocupá-la em caso de efetivar-se a venda, de forma a não criar obstáculos.

“Entretanto, a partir do momento em que foi fechado o negócio, ele passou a adotar um comportamento negativo: extremamente agressivo, recusava-se a desocupar o imóvel, de modo a inviabilizar a efetivação da venda”.

“Agradeço a ela pela bondade e rapidez com que me socorreu”

Foi nesse momento de tensão que um parente aconselhou Da. Maria a apelar à intervenção de Da. Lucília, a fim de que o caso se solucionasse a tempo:

“Tentamos convencê-lo a cumprir o que havíamos combinado verbalmente. Porém, as conversas foram se complicando e se transformando em discussões e atritos. Assim, o tempo



Da. Flávia Emília Duarte e seu esposo segurando um banner de Dona Lucília

“Pedi que parasse a sensação de não saber respirar; poderia continuar com os outros sintomas, mas esse era o pior, tirava a minha paz!”

ia passando, o prazo final para a entrega do imóvel se aproximando, e o risco de perder a venda se tornando cada vez mais real devido à crescente obstinação do inquilino.

“Faltando dez dias para terminar o prazo, tivemos uma áspera discussão, em que ele se comportou de forma muito mais agressiva e vulgar.

“Extremamente aflita, resolvi conversar com meu tio, para perguntar se teria alguma ideia ou sugestão para me dar. Não vendo como resolver o problema a não ser através de uma ação judicial, solução que, por demandar muito tempo, poderia inviabilizar o negócio, sugeriu-me que recorresse a Da. Lucília.

“Rezei, imediatamente, três Terços para pedir a intercessão dela. Logo depois, o inquilino apareceu de modo inesperado na parte térrea do imóvel, onde eu me encontrava e, espontânea e surpreendentemente, disse-me que iria desocupar a casa.

“Ocorrerá uma radical e inexplicável mudança de comportamento da parte dele. De imediato associei essa mudança a uma intervenção de Da. Lucília. Dou graças a Deus pelo favor que me fez por intercessão dela, e agradeço a ela pela bondade e rapidez com que me socorreu”.

* * *

Com intervenções como as acima narradas, Da. Lucília tem acolhido sob seu maternal xale todos aqueles que, aflitos e necessitados de auxílio, lhe dirigem preces.

Gratos pelos inúmeros benefícios recebidos desta generosa senhora, que fez de sua vida um constante holocausto de si mesma em favor do próximo, muitos desejam externar através desses relatos o enorme contentamento que sentem por haver encontrado uma mãe que, da eternidade, lhes tem guiado, amparado e protegido. ✧



Trato ordenativo e compaixão

Inúmeras devem ter sido as circunstâncias nas quais a maternalidade de Da. Lucília pôde manifestar-se através do carinho insondável, envolvente e nunca desmentido com que acolhia a todos os que eram atingidos por alguma tragédia, ou por alguma necessidade, mínima que fosse.

Exemplo disso era o modo como ela tratava sua irmã Zili. Desde o primeiro instante em que esta viu a luz do dia, Da. Lucília, treze anos mais velha, passou a desempenhar junto a ela o papel de mãe, envolvendo-a em seu inesgotável afeto. Da. Zili conservou por toda a vida, em relação a Da. Lucília, um devotamento e gratidão quase filiais.

Semelhante ventura coubera à filha de Da. Zili, Ilka, a qual, morando também no palacete Ribeiro dos Santos e tendo quase a mesma idade de seus primos, era educada com eles como se fosse sua irmã.

Transcorridas tantas décadas daqueles saudosos tempos, Da. Ilka continua a guardar gratas recordações de sua tia:

“Tia Lucília era uma autêntica *lady*, pessoa de um espírito superior, mas de uma bondade fora do co-

mum. Às vezes se pode ser levado a achar que quem é bom não deve contrariar os outros ou não é capaz de ver onde está o mal. Tia Lucília não! Quando ela se zangava com o Plínio por ele ter feito alguma travessura, quantas vezes eu a vi pegar uma escova de prata e lhe bater na mão! Porém, ao mesmo tempo possuía uma bondade rara, era boníssima!

“Tia Lucília era uma santa. Sofreu muito na vida, mas sabia suportar tudo com paciência. Era realmente uma pessoa extraordinária.

“Foi ela quem criou minha mãe. Quando mamãe nasceu, tia Lucília tinha treze anos, e foi praticamente ela quem a educou. A mãe de mamãe foi na realidade tia Lucília.

“Mamãe tinha loucura por ela! Loucura! Acho que mamãe tinha muito mais afinidade com a irmã do que com a própria mãe”.

Entre os sobrinhos, Da. Lucília era considerada a tia predileta. Eram ávidos de estar com ela para ouvir suas histórias ou para as comemorações do Natal, da Páscoa e de outros festejos em família.

O convívio harmônico, agradável e respeitoso constituía para ela a própria perfeição da vida social, verdadeira dádiva de Deus a suavizar as agruras do peregrinar do homem por esta terra de exílio.

Era sempre firme e definida no exercício de sua autoridade, que, entretanto, se apresentava invariavelmente envolta numa atmosfera de bondade. Se possível, sua decisão se aplicaria de imediato para a solução de qualquer problema em que lhe fosse imperioso mandar; nunca, porém, perdeu ou sequer diminuiu sua convicção de que pela bondade demoveria os obstáculos e tornaria flexível a rigidez do amor-próprio em incontáveis almas com que lhe era dado tratar. ✧

CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio.

Dona Lucília. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.118-119



Plínio, Ilka e Rosée no Jardim da Luz, São Paulo; acima, Da. Lucília fotografada em 1912, em Paris

Fotos: Reprodução

Fotos: Lucília Bassi



Estados Unidos – No mês de maio, a convite do pároco, Pe. Ivan Sciberras, missionárias dos Arautos deram palestras sobre a Santíssima Virgem na Igreja de São Pedro, em New Jersey, e na escola paroquial. Houve também procissões e outros atos de piedade em honra à Mãe de Deus.

Fotos: Dora Santos



Brasil – Os Arautos do Evangelho foram convidados a solenizar a posse do Pe. Dorival Aparecido de Moraes como pároco da Igreja Matriz Sant'Anna, Catedral Diocesana de Mogi das Cruzes (SP). A Celebração Eucarística, presidida por Dom Pedro Luiz Stringhini, Bispo Diocesano, ocorreu no dia 11 de abril.

Pedro Beltrán



Ana Maria Veas

Ana Maria Veas

Chile – Missionários e missionárias dos Arautos visitaram a Paróquia Nossa Senhora do Carmo, de Curacaví, com a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria (foto 1), e levaram seu Oratório a residências (foto 2) e instituições, entre estas à Escola Agrícola Las Garzas (foto 3).



1



2



3

“Testemunha jubilosa do Senhor ressuscitado”

Com as palavras que encabeçam estas linhas, o Núncio Apostólico na Costa Rica, Dom Bruno Musarò (foto 3), qualificou o Pe. Gonzalo Raymundo Esteban, EP (foto 2), que no dia 12 de abril entregou sua alma a Deus na cidade de São Paulo, vítima de um câncer fulminante. Elas foram pronunciadas durante a Missa celebrada pelo prelado na casa dos Arautos nesse país, onde o Pe. Gonzalo desenvolveu nos últimos anos sua incansável atividade pastoral.

Também o Arcebispo de Madri, Cardeal Carlos Osoro Sierra (foto 1), que conheceu pessoalmente o Pe. Gonzalo quando estava à frente da Diocese de Oviedo, quis presidir uma Eucaristia pela alma deste dedicado após-

tolo. A celebração foi realizada na Paróquia San Ginés, em Madri (foto 5), e teve como concelebrantes Dom Luis Armando Tineo Rivera, Bispo Emérito de Carora, e mais dezesseis sacerdotes.

Por sua vez, o Núncio Apostólico em El Salvador, Dom Santo Rocco Gangemi, celebrou uma Santa Missa na casa dos Arautos na cidade de San José (fotos 4 e 7), enquanto Dom Francisco Cerro Chaves, Arcebispo de Toledo e Primaz da Espanha, presidiu uma Eucaristia na casa dos Arautos em Camarenilla (fotos 6 e 8), ocasião em que afirmou: “O Pe. Gonzalo foi um sacerdote que transmitia o que vivia”. ✧



4



5



6



7



8



Ministro de Educação da França proscreeve “escrita inclusiva”

O recurso de “linguagem inclusiva”, que utiliza um caractere “neutro” para significar os gêneros masculino e feminino, foi proibido nas escolas da França pelo Ministro da Educação, Jean-Michel Blanquer. Ele explica que o uso dessa forma de escrita prejudica a compreensão dos alunos, por causa da complexidade e instabilidade de que é constituída.

Polícia inglesa pede desculpas por entrada em paróquia

Após uma interrupção realizada por oficiais da polícia durante a cerimônia de Sexta-Feira Santa na paróquia polonesa de Londres, os agentes encarregados desse serviço foram instados a pedir desculpas devido à ilegalidade da intervenção.

A denúncia que chegara à polícia naquele dia afirmava que as normas de prevenção contra a COVID-19 estavam sendo infringidas na igreja. No entanto, verificou-se que todos os regulamentos foram seguidos à risca pelos paroquianos, que ademais afirmaram terem cumprido os mesmos protocolos durante as Missas de Quinta-Feira Santa e Sábado Santo.

Antigo mosteiro retoma sua produção de cerveja

A mais antiga abadia do Ocidente ativa até os dias de hoje se encontra na Suíça. Trata-se do Mosteiro de Saint-Maurice d’Agaune, fundado em 515, e que se destaca por possuir

grande patrimônio artístico, bem como antigas e valiosas relíquias.

A tradicional produção de cerveja deste mosteiro, interrompida no séc. XIII, foi retomada em 2019 e deverá revitalizar o jazimento arqueológico da abadia, além de contribuir para o sustento da comunidade. Já foram elaborados três sabores da bebida e outro ainda está por vir.



gaudiumpress.org

Crianças iraquianas recebem a Primeira Comunhão

Na Igreja de São João Batista, em Qaraqosh, no norte do Iraque, foi realizada a Primeira Comunhão de cento e vinte e uma crianças. O celebrante, Pe. Majeed Attalla, disse que ainda há mais quatrocentas à espera de receberem este Sacramento, e declarou: “Graças a Deus temos muitas crianças e isto é fonte de alegria, porque dão força e esperança para continuar, representam o futuro. [Todas] foram preparadas com um espírito de grande participação. A COVID-19 parou o mundo, mas felizmente não interrompeu a vida da comunidade”.

Qaraqosh é atualmente o centro cristão mais importante na planície de Nínive: quase a totalidade da população professa a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Reabertura de Notre-Dame é prevista para o ano 2024

O Presidente da França, Emmanuel Macron, prometeu que a restauração da histórica catedral parisiense estaria concluída em 2024. Também Michel Picaud, presidente da instituição de caridade Amigos de Notre-Dame de Paris – associação cujo ob-

jetivo é coletar doações e fundos para a reconstrução –, assegurou que é possível o templo estar, de fato, pronto no ano previsto, embora o teto possa não ter sido ainda finalizado.

O reitor da Catedral de Notre-Dame, Dom Patrick Chauvet, afirmou que a obra pode durar ainda vinte anos, resultando num gasto total de mais de um bilhão de euros.

Encontrados eremitérios do século IV

Missões arqueológicas encontraram no sítio Tal Ganoub Qasr-al Agouz, no Oásis Bahariya (Egito), o mosteiro cristão mais antigo já descoberto. Exames de radiocarbono indicam ser do séc. IV. Até então, acreditava-se que as primeiras comunidades datavam do séc. V, pelo que o achado trará importantes dados sobre o Cristianismo primitivo e o monaquismo no Egito.

Seis eremitérios construídos em basalto, escavados na rocha ou feitos de tijolo de argila foram encontrados no local. Graças à ausência de umidade e à areia do deserto, as ruínas ficaram excepcionalmente bem conservadas. Nas paredes estão gravadas inscrições em grego e pinturas coptas. Os textos foram motivo de surpresa para os estudiosos e serão objeto de análise.

Lançado novo website do Observatório Astronômico do Vaticano

Um novo website foi lançado pelo Observatório Astronômico do Vaticano, com o intuito de “mostrar ao mundo que a Igreja apoia a ciência”, asseverou o diretor, Pe. Guy Consolmagno, SJ, em entrevista à *Catholic News Agency*. Juntamente foi lançado um *podcast* que explora “as maravilhas do universo de Deus”, com explicações de especialistas no assunto. O site possui uma série de recursos sobre fé e ciência, e muitos interessados poderão acessá-lo e

conhecer o trabalho de forma mais detalhada.

Igrejas francesas sofrem crescentes ataques

A unidade central de inteligência criminal da França informou que, só em 2018, registraram-se 877 ataques a locais de culto católico no país. O presidente do Observatório do Patrimônio Religioso de Paris, Edouard de Lamaze, apontou que esse número cresceu cinco vezes em comparação à década anterior. Ele alertou ainda que, se os vandalismos persistirem, cinco mil edifícios de nossa Religião desaparecerão em um prazo relativamente breve.

Lamaze lamentou o fato de tais locais não serem restaurados nem protegidos pelo governo, desde que

em 1905 foi decretada a lei de separação entre a Igreja e o Estado.

Em síntese, a França tem perdido um templo católico a cada duas semanas. De todas as ofensas perpetradas contra edifícios de culto, a maioria visa a Igreja Católica.



Mais uma igreja é queimada no Chile

Em meados de abril um incêndio tomou conta de uma das ca-

pelas da Paróquia Santo Antônio, na comuna de Padre Las Casas, em La Araucanía. Tudo leva a crer que se tratou de um ataque terrorista. A perda da capela foi completa, apesar de quatro equipes de bombeiros terem atuado na emergência.

Imagem da Virgem de Guadalupe é reentronizada em Houston

A imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, pertencente à Paróquia Rainha da Paz, em Houston, foi recebida pelos fiéis numa cerimônia, após ter sido restaurada. Em dezembro do ano passado, ela havia sido atingida com seis tiros de revólver por um delinquente vestido, segundo testemunhas, com roupa vermelha e chapéu preto.

Museu de Arte Sacra restaurará imagens vandalizadas

Seis imagens pertencentes à Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, da Diocese de Osasco, foram enviadas ao Museu de Arte Sacra com o objetivo de serem restauradas por causa do dano que sofreram sob os golpes de dois homens e duas mulheres que invadiram a matriz. Ao correr atrás dos bandidos, o administrador paroquial, Pe. Amauri Baggio, ouviu de um deles que aquele ato tinha sido realizado “em nome de Jesus”.

Dentre essas imagens estava a da padroeira, Nossa Senhora dos Remédios, e outra de Santo Ubaldo, vinda da Itália há mais de sessenta anos e toda entalhada em madeira. Havia ainda uma sétima, representando Santa Cecília, a qual não poderá ser consertada devido ao estado lastimável em que ficou.

João Rossi, encarregado da restauração, calcula que o trabalho

demorará por volta de um ano. Informou também que, para isso, participarão quinze pessoas, entre restauradores e voluntários, os quais procurarão ao máximo deixá-las com a aparência original. A primeira imagem a ser trabalhada será a da padroeira.



Igreja Nossa Senhora dos Remédios, Osasco (SP); em destaque, a imagem de Santa Cecília, que não poderá ser restaurada por causa da gravidade dos danos



Entre estrelas

Desde que a Ametista se fora, aos poucos tudo começou a mudar. O que, no início, era o divertimento das novas estrelas, tornou-se uma verdadeira aflição.

O gélido vento da noite batia impiedosamente sobre as vilas e bosques. Os animais se refugiavam em suas tocas, os pássaros em seus ninhos, e os homens dormiam profundamente junto à lareira. Existiam, porém, outras personagens que, sem necessidade de fogo ou vestimenta alguma, permaneciam insensíveis ao frio noturno...

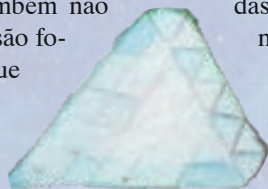
Imóveis, apoiadas sobre o solo e escondidas do olhar humano, algumas pedras preciosas começaram a considerar uma maravilha da criação que naquele momento se manifestava: a luz das estrelas.

O Citrino, voltando seus olhos para o céu, disse às demais:

— Minhas irmãs, vede a beleza dessas estrelas! Cada vez que as analiso, parece-me que algo além de minhas forças me eleva até Deus.

— Sim! — respondeu o Rubi — Como nós, elas também não sentem o frio, pois são fofas como o Sol que nos aquece!

— Ah, maior alegria a delas,



porque se movimentam e quão acima deste mundo brilham! — exclamou a Opala.

— Sua moradia é o céu! Enquanto que a nossa é este chão tão banal... — manifestou o Diamante.

— Algum dia seremos como elas: próximas de nosso Criador! — voltou a pronunciar-se o Citrino.

— Minhas companheiras, não percamos a esperança! — interveio a Esmeralda — As estrelas são nossas irmãs e certamente nos acolherão. Vamos! Vamos para o céu!

A essas palavras, a Ametista contestou:

— Espere um pouco, Esmeralda! Por nós mesmas, não conseguiremos chegar até lá. Precisamos de alguém que nos ajude! Não temos forças nem para nos mover, quanto mais para voar além do globo terrestre... Rezem ao Anjo que nos guarda.

Mal iniciarem a oração, o Anjo das Belezas Criadas, forte e luminoso como o Sol, apareceu. E, ao escutar o desejo de habitarem o céu, respondeu:

— Certamente as estrelas vos acolherão! Porém,

ficai certas de que lá tudo é muito diferente. Por isso, quando quiserdes voltar, podereis por vós mesmas descerdes à Terra.

E começou a designar o destino de cada pedra preciosa:

“Tu, Rubi, por seres reflexo de fortaleza sem par, ficarás na constelação de Leão.

“Por tua generosidade, Ametista, ficarás no Cruzeiro do Sul, significando a infinita doação de Deus para com os homens: sua Morte na Cruz.

“Diamante, tu, que és perene, representas a verdadeira paz, e por isso podes unir-te à constelação de Águia, para contemplates tranquilamente a eternidade.

“Tu, belo Citrino, por tua cor dourada, a mais nobre entre as demais, poderás ficar na constelação de Escudo, para significar a virtude daqueles que combatem pela fé.

“Opala, com tua alegria multicolorida, ficarás na Coroa Austral.

“E tu, ó encantadora Esmeralda, refletirás melhor tua luz nas



e pedras...



Sarah Ramos Mafort

Três-Marias, que servem para identificar outras constelações”.

Ditas estas palavras o Anjo lançou sobre as pedras sua luz. Estas ficaram tão e tão brilhantes que, como o orvalho da manhã ao calor do Sol, aos poucos foram se elevando da terra ao céu.

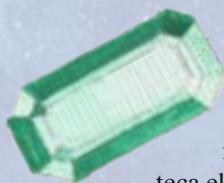
Ao chegarem às belas moradas siderais, as estrelas formaram um cortejo, dançando e cantando alegremente para suas novas companheiras. Num misto de exultação e curiosidade, queriam todas saber como era a vida na Terra. Em cada constelação ouvia-se contar dos mares e lagos, das montanhas nevadas e vulcões incandescentes. Porém, o que mais as encantava era conhecer a história de Santos.

Transcorridos alguns dias, um movimento diferente chamou a atenção dos conjuntos celestes para o Cruzeiro do Sul:

— A Estrela-Ametista decidiu retornar à Terra – comentavam.

— Mas qual o motivo? – perguntou um dos astros.

— Sua generosidade tende a se expandir, mas para que isso aconteça ela precisa do sofrimento.



Entretanto, durante estes dias ela o procurou por aqui e descobriu que no Céu não se sofre mais. Então ela descerá para junto dos homens.

Desde que a Ametista se fora, aos poucos tudo começou a mudar.

Numa manhã, as estrelas-pedras assistiam a vida dos homens, sem por eles serem notadas. Isto, que no início fora o divertimento das novos astros, logo tornou-se uma aflição:

— Vede, minhas companheiras – exclamou a Opala –, em todas as casas as pessoas choram! Elas não conhecem a alegria. O sofrimento bate à porta das almas; minha irmã Ametista está lá para as ajudar, mas ninguém sabe bem sofrer... Preciso amparar os homens.

— Minha irmã, não faças isso sem mim! A humanidade só terá verdadeira felicidade se se tornar forte para lutar destemidamente contra o mal – explicou o Rubi.

Uma voz provinda da constelação de Escudo cortou, então, a conversa entre a estrela-alegria e o astro-fortaleza:

— E quem conseguirá com que os homens vivam isto que vós pregais? Sem a fé, toda alegria é vã e a fortale-



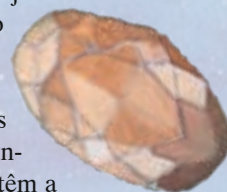
za, brutalidade. Noto que minha morada não é aqui; o meu céu é o coração do justo! Irei convosco e tomarei posse do que é meu.

Inesperadamente a estrela da paz pôs-se a chorar:

— Ficarei aqui sozinha sem vós? Não posso descer, lá embaixo não é lugar de absoluta paz. Deus constituiu a Terra como campo de batalha, e a completa posse de meu bem só se encontra no Céu.

— Calma, minha amiga. Dentro em breve terás novas companhias, pois também eu irei para visitar as almas. Enchê-las-ei de esperança em possuir-te eternamente – consolou-a Esmeralda, que também retornava à sua “terra natal”.

Assim, acalmado o belo Diamante-paz, desceram as demais pedras-estrelas. Até os dias de hoje elas cortejam a estrela da generosidade e da dor, que diariamente visita os corações dos homens, deseja de levá-los ao gozo do Reino da paz eterna. Estejamos nós com a alma aberta e ouçamos o que estes fulgurantes luminares celestes têm a contar! ✧



Ilustrações: Priscila Vieira

OS SANTOS DE CADA DIA

1. São Justino, mártir (†c. 165 Roma).

Beato João Pelingotto (†1304). Terciário franciscano de Urbino, Itália. Retirou-se para viver numa cela, de onde só saía para atender os pobres e enfermos.

2. Santos Marcelino e Pedro, mártires (†304 Roma).

Santa Blandina, mártir (†177). Decapitada em Lyon, França, nos tempos do Imperador Marco Aurélio, após sofrer numerosos tormentos.

3. Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.

São Carlos Lwanga e doze companheiros, mártires (†1886 Kampala - Uganda).

Santa Clotilde, rainha (†545). Graças às suas orações e ao seu zelo apostólico, conseguiu a conversão de seu esposo Clóvis, rei dos francos, e de todo o reino.

4. Santo Optato, Bispo (†séc. IV). À frente da diocese de Milevi, no norte da África, distinguiu-se no combate aos donatistas. Escreveu diversas obras, todas muito apreciadas por Santo Agostinho.

5. São Bonifácio, Bispo e mártir (†754 Dokkum - Holanda).

Santo Eubano, Bispo, e **dez companheiros**, mártires (†754). Obtiveram a palma do martírio junto com São Bonifácio, na Frísia, atual Holanda.

6. X Domingo do Tempo Comum.

São Norberto, Bispo (†1134 Magdeburgo - Alemanha).

7. São Roberto de Newminster, abade (†1159). Após ser ordenado sacerdote, ingressou na abadia beneditina de Whitby, Inglaterra. Com outros doze monges, ajudou a fundar vários mosteiros entre os



São Barnabé - Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Montevidéu

quais o de Newminster, do qual se tornou abade.

8. Santo Efrém, diácono e Doutor da Igreja (†378 Edessa - Turquia).

Beata Maria do Divino Coração, virgem (†1899). Religiosa alemã da Congregação das Irmãs da Caridade do Bom Pastor, falecida no Porto. Promoveu de modo admirável a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

9. São José de Anchieta, presbítero (†1597 Reritiba - Brasil).

Beato José Imbert, presbítero e mártir (†1794). Religioso jesuíta nomeado vigário apostólico de Moulins por Pio VI durante a Revolução Francesa. Foi preso numa galera em Rochefort, onde morreu.

10. Beata Diana de Andaló, virgem (†1236). Pronunciou os votos nas

mãos do próprio São Domingos e, superados todos os obstáculos postos pela família, entrou para o mosteiro dominicano de Santa Inês, em Bolonha, Itália.

11. Solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

São Barnabé, Apóstolo.

Santa Rosa Francisca Maria das Dores, virgem (†1876). Transformou uma associação de mulheres piedosas na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Consolação, em Tortosa, Espanha.

12. Imaculado Coração de Maria.

Nossa Senhora do Sameiro.

Beato Guido de Cortona, presbítero (†c. 1245). Discípulo de São Francisco de Assis, fundou o convento de Celle, Itália. Ainda em vida tinha fama de santidade e operava muitos milagres.

13. XI Domingo do Tempo Comum.

Santo António de Lisboa, presbítero e Doutor da Igreja (†1231 Pádua - Itália). Padroeiro secundário de Portugal.

São Fândila, presbítero e monge (†853). Decapitado em Córdoba, Espanha, no tempo do rei Mohamed I.

14. Santo Eliseu, profeta. Discípulo e sucessor de Santo Elias e profeta de Israel desde o tempo do rei Jorão até os dias de Joás.

15. Santa Bárbara Cui Lianzhi, mártir (†1900). Mãe de família morta por meio de crudelíssimas torturas durante as perseguições na China.

16. Santa Julieta e São Quírico, mártires (†séc. IV). Jovem viúva martirizada junto com seu filho, ainda criança, em Tarso (atual Turquia).

17. São Rainério de Pisa, penitente (†1160). Em sua juventude entre-

gou-se a divertimentos mundanos; após sua conversão, abandonou tudo e partiu para a Terra Santa onde viveu treze anos fazendo penitência.

18. Beata Hosana Andreasi, virgem (†1505). Religiosa dominicana de Mântua, Itália, que conseguiu unir com sabedoria a contemplação das coisas divinas com os trabalhos e o exercício das boas obras.

19. São Romualdo, abade (†1027 Marcas - Itália).

Santa Juliana Falconieri, virgem (†c. 1341). De nobre família, fundou em Florença a Ordem Terceira dos Servos de Maria, chamadas “mantelatas” por causa do seu hábito religioso.

20. XII Domingo do Tempo Comum.

Beatas Sancha e Mafalda, virgens, e **Beata Teresa**, religiosa (séc. XIII).

Beato Francisco Pacheco, mártir (†1626). Nascido em Braga, foi queimado vivo em Nagasaki (Japão), com oito companheiros.

Beato Dermício O’Hurley, Bispo e mártir (†1584). Preso e torturado durante meses, no reinado de Isabel I da Inglaterra, foi por fim enforcado, pelo fato de não querer desligar-se da Igreja de Roma.

21. São Luís Gonzaga, religioso (†1591 Roma).

São Rodolfo de Bourges, Bispo (†866). Abade beneditino eleito Bispo de Bourges, França. Demonstrou grande solicitude pelo aperfeiçoamento do clero.

22. São Paulino de Nola, Bispo (†431 Nola - Itália).

São João Fisher, Bispo, e **São Tomás Moro**, mártires (†1535 Londres).

Beato Inocência V, Papa (†1276). Depois de haver recebido o hábito dominicano e ensinado teologia em Paris, foi nomeado Bispo de Lyon e mais tarde eleito Papa. Empenhou-se em unir à Sé Romana as igrejas separadas.

23. São José Cafasso, presbítero (†1860). Sacerdote da Diocese de Turim, Itália, dedicou-se a aumentar a piedade e a ciência dos futuros sacerdotes, e a reconciliar com Deus os encarcerados e os condenados à morte.

24. Natividade de São João Batista

Santa Maria de Guadalupe García Zavala, virgem (†1963). Cofundadora da Congregação das Servas de Santa Margarida Maria e dos Pobres, em Guadalajara, México.

25. Santa Orósia, virgem e mártir (†c. 714). Princesa da Boêmia que, segundo a tradição, foi morta perto de Jaca (Espanha) quando viajava para casar-se com um príncipe visigodo de Aragão.

26. São Paio, mártir (†925). Aprisionado aos treze anos numa batalha do rei de Leão contra Abdemarrão III, emir de Córdoba, foi torturado por este até à morte.

27. Solenidade de São Pedro e São Paulo, Apóstolos (no Brasil, transferida para o dia 4 de julho).

São Cirilo de Alexandria, Bispo e Doutor da Igreja (†444 Alexandria - Egito)

Beata Margarida Bays, virgem (†1879). Terciária franciscana de Friburgo, Suíça, que, sem nunca descuidar a vida de oração, dedicou-se incansavelmente a diversas obras de apostolado laico.

28. Santo Irineu, Bispo e mártir (†c. 202 Lyon - França).

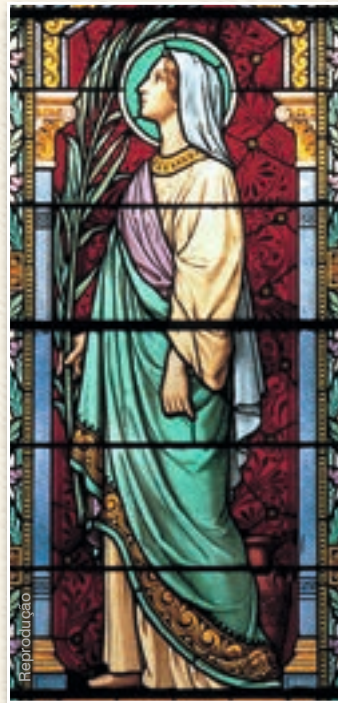
São João Southworth, presbítero e mártir (†1654). Condenado à morte por exercer clandestinamente seu ministério sacerdotal na Inglaterra.

29. Santos Paulo Wu Yan, João Batista Wu Mantang e Paulo Wu Wanshu, mártires (†1900).

Paulo Wu era pai de João Batista, então com dezessete anos, e tio de Paulo Wanshu, de dezesseis anos. Os três foram massacrados durante a perseguição religiosa na China.

30. Santos Protomártires da Igreja de Roma (†64 Roma).

Beato Januário Maria Sarnelli, presbítero (†1744). Conhecendo Santo Afonso de Ligório, tornou-se redentorista e viajaram juntos em missões pela Itália.



Santa Blandina - Vitral da Igreja de Santo Irineu, Lyon (França)



Desafiadores dos ares

Nossa vida terrena é uma seguidilha de lutas e conquistas pela sobrevivência e, sobretudo, para alcançarmos o Céu, galardão dos verdadeiros heróis.



Ir. Cecília Grasielle Ramos Levermann, EP

Ao contemplarmos um horizonte onde predomina o límpido firmamento anilado, nos extasiamos com sua placidez. Entretanto, neste mesmo palco podem ter acontecido epopeias na aparência discrepantes da tranquilidade que o panorama apresenta.

Não me refiro a nenhum feito notável passado nos céus. O “herói” do qual falo é um grande desafiador dos ares. Ele não procura brilhar diante dos homens, pois sua “guerra” é pela sobrevivência e acontece no dia a dia. A “galhardia” deste lutador costuma passar despercebida, mas, quando entramos em contato com ela, enchemo-nos de admiração.

Essa figura não está inteiramente fora do nosso alcance; basta levantarmos o olhar para o céu e lá encontraremos, em pleno voo, travando sua árdua batalha, o falcão.

Quando paira no ar, transparece nele uma compostura cheia de tranquilidade, que não lhe impede estar atento a tudo o que se passa ao seu redor. Evoca assim o estado de espírito de vigilância e oração, ensinado pelo Mestre aos seus discí-

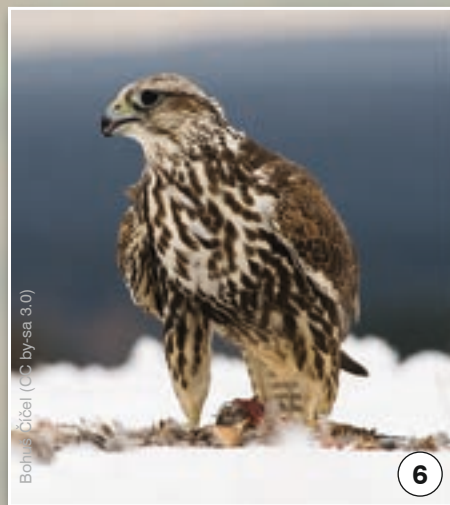
pulos e seguidores de todos os tempos.

O “campo de batalha” do falcão transcende o das outras aves de rapina, as quais costumam capturar animais terrestres. Ele, por sua vez, busca aventuras mais arriscadas e conquistas mais custosas procurando caça nos ares. Uma vez fixado o alvo com sua visão aguda, larga e analítica, parte célere em direção a ele. Enfrentando com prodigiosa vitalidade os ventos e a distância agarra decididamente a presa com um *élan* digno de sua altivez. O discernimento foi prévio e cuidadoso, o lance, impetuoso, e o resultado teve êxito: eis que o falcão volta vitorioso de sua expedição.

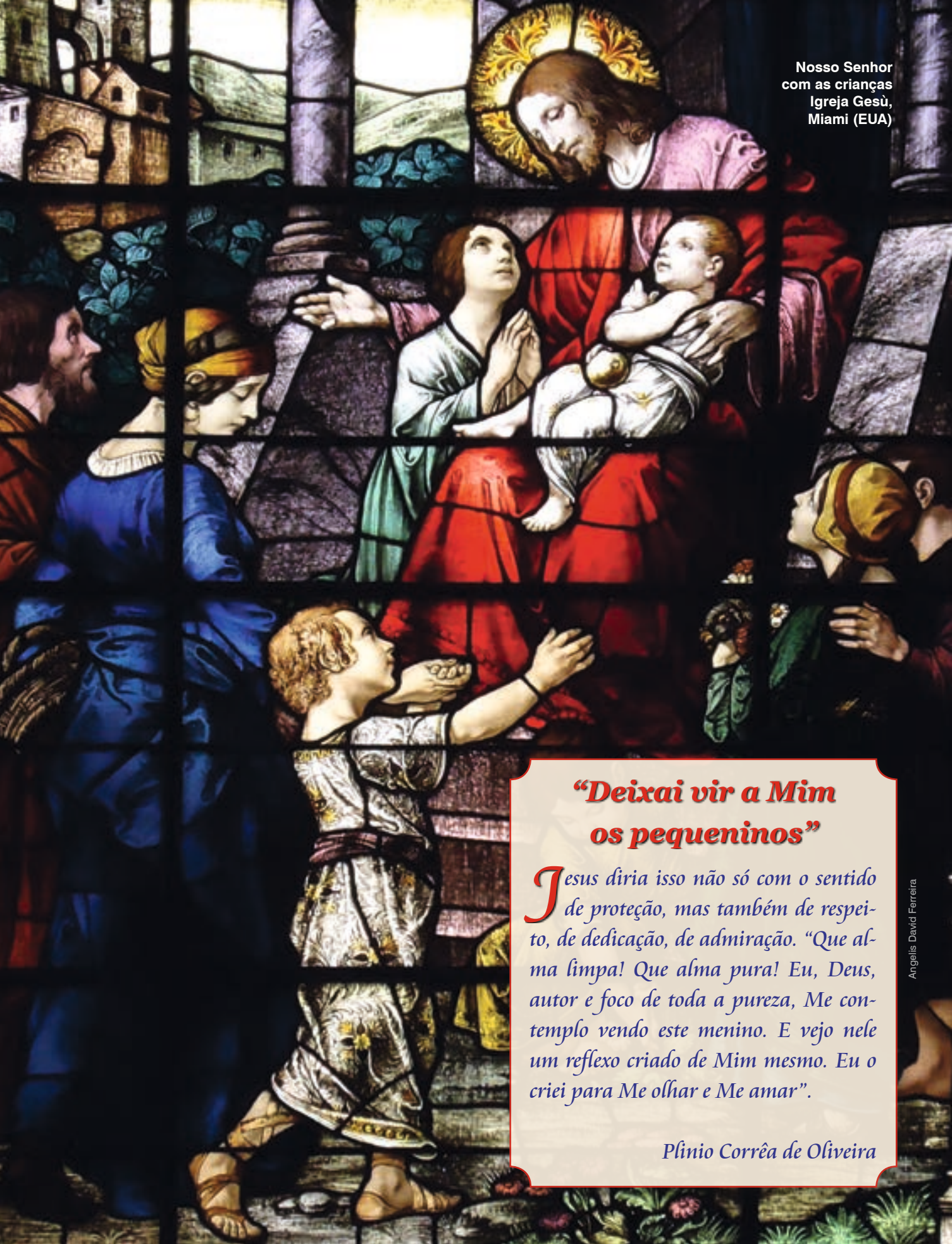
Podemos encontrar nesta ave uma imagem de como age a vontade humana. O homem, antes de fazer qualquer coisa, monta um plano: é a inteligência que age. Estando definido o objetivo, ele penetra no coração, isto é, na vontade. Em seguida, a pessoa empregará os meios necessários para realizar aquilo que concebeu, à semelhança do voo decidido e enérgico do animal que contemplamos neste artigo.

Nossa vida terrena é uma seguidilha de lutas e conquistas pela sobrevivência e, sobretudo para alcançarmos o Céu, galardão dos verdadeiros heróis que pugnam pela causa de Deus. Compete a nós medirmos os desafios e lançarmo-nos com entusiasmo em direção a eles, segundo o conselho da Carta aos Hebreus: “corramos com perseverança ao combate proposto, com o olhar fixo no Autor e Consumador de nossa fé, Jesus” (12, 1).

Não fujamos da dor que fere os nossos sentidos. Abracemos, pelo contrário, os sofrimentos imitando o Divino Redentor: “em vez do gozo que se Lhe oferecera, Ele suportou a Cruz” (Hb 12, 2). Com passos resolutos e com a alma em chamas, avancemos rumo à santidade, desafiando qualquer obstáculo, a fim de nos tornarmos instrumentos para a glorificação de Deus e exaltação da Santa Igreja, o que resultará em nossa eterna salvação. E nunca nos esqueçamos de que nessa peregrinação jamais estaremos sozinhos: uma Mãe cheia de bondade e misericórdia vela por cada um de nós e nos aponta o caminho para a morada eterna. ✧



Nas fotos acima: 1. Falcão-marrom, Vitória (Austrália); 2. Falcão cenchroides, Vitória (Austrália); 3. Falcão-de-coleira; 4. Falcão-Peneireiro-vulgar; 5. Falcão-marrom, Norte da Austrália; 6. Falcão-sacre, Herálec (República Tcheca); 7. Falcão-peregrino em voo; na página anterior Falcão-borni, KwaZulu-Natal (África do Sul)



Nosso Senhor
com as crianças
Igreja Gesù,
Miami (EUA)

***“Deixai vir a Mim
os pequeninos”***

*J*esus diria isso não só com o sentido de proteção, mas também de respeito, de dedicação, de admiração. “Que alma limpa! Que alma pura! Eu, Deus, autor e foco de toda a pureza, Me contemplo vendo este menino. E vejo nele um reflexo criado de Mim mesmo. Eu o criei para Me olhar e Me amar”.

Plínio Corrêa de Oliveira